Léon Degrelle

Almas Ardentes

Léon Degrelle

Almas Ardentes

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Sumário

Prefácio da Versão Francesa.....4
Prólogo espanhol do doutor Marañon.....6
Primeira parte — Os Corações Vazios.....8
I. O fogo e as cinzas.....8
II. A agonia do século.....13
III. Vida reta.....16
Segunda parte – Fontes de Vida.....19
IV. A Terra de Origem.....19
V. O coração e as pedras.....20
VI. A carne que desponta.....23
VII. A vocação para a felicidade.....25
VIII. O tempo dos Natais.....27
Terceira parte – A aflição dos homens.....30
IX. Os cegos.....30
X. As linhas da dor.....31
XI. Os santos.....33
XII. A eterna crucificação.....34
XIII. Ninguém.....35
XIV. Ter amado mal.....37
Quarta parte – A alegria dos homens.....40
XV. Fortes e duros.....40
XVI. O preço da vida.....42
XVII. Despojamento.....42
XVIII. O poder da alegria.....43
XIX. Sonhar, Pensar.....44
XX. A paciência.....45
XXI. A obediência.....46
XXII. A bondade.....47
XXIII. Beata solitudo.....48
XXIV. Grandeza.....50
Quinta parte – O serviço e seus homens (notas da frente russa).....52
XXV. A grande retirada.....52
XXVI. Domar as éguas.....56
XXVII. O ciclo apocalíptico.....59
XXVIII. Luzes.....61
XXIX. Intransigência.....64
XXX. A cruz.....66
Sexta parte – Entrega total.....71
XXXI. A reconquista.....71
XXXII. Flotilha de almas.....72
XXXIII. O cume.....76

Prefácio da Versão Francesa

Esta obra, *Almas Ardentes*, reúne uma série de notas espirituais que o autor escreveu ao sabor das aventuras de sua vida, antes e durante a Segunda Guerra Mundial.

Cada época tem seu estilo, sóbrio ou empolado, clássico ou romântico. Por meio do estilo e para além do escritor, revelam-se certas formas, certas maneiras de pensar próprias de um tempo.

Parte dessas notas consiste em reflexões de um soldado, escritas quando o autor — com ou sem razão — combatia como Voluntário da Europa na Frente Oriental, de 1941 a 1945, contra os exércitos soviéticos. Também nesse caso, não cabe rever a maneira de expressar sentimentos que eram exatamente como se diz e que, naquela época, se manifestavam dessa forma.

Muito provavelmente, este manuscrito estava destinado a jamais ser publicado.

Ele foi descoberto pelo maior escritor espanhol de nossa época, falecido há pouco, o Doutor Gregorio Marañon, membro das cinco Academias de seu país.

O Doutor Marañon não tinha, politicamente, nada em comum com os movimentos autoritários do século XX. Pertencia a um liberalismo cortês, muito distante dos tempos violentos em que, como um meteoro, se consumiu o autor destas páginas. Gregorio Marañon leu por acaso o manuscrito e dedicou os momentos de lazer dos dois últimos anos de sua vida a traduzi-lo para o espanhol, numa linguagem de admirável pureza. Apresentou essas páginas ao grande público de seu país em uma introdução cuja tradução poderá ser lida no anexo. “Estas páginas”, escreveu Gregorio Marañon, “são de uma beleza impossível de superar, vibrantes de emoção humana”.

Na Espanha, a obra teve mais de cinquenta edições sob o título *Almas Ardiendo*. Continua sendo reeditada.

Mas o autor não havia mandado imprimir esta obra em seu texto original. Parecia-lhe que o leitor de língua francesa do pós-1945 era mais desencantado que o público espanhol e quase impermeável a reflexões dessa natureza. O requebrado de qualquer vamp do cinema interessa muito mais ao público moderno que o estremecimento angustiado de uma alma. Aliás, o que ainda é a alma? Os problemas morais e espirituais incomodam hoje o homem e a mulher que se dizem modernos. Preferem descartá-los com um leve tom de superioridade, condescendência ou sarcasmo. Na melhor das hipóteses, já não são sentidos da mesma maneira. Tampouco os problemas religiosos.

No entanto, as ideias expressas nestas notas e os sentimentos que nelas vibram conquistaram a adesão de multidões. Por isso, ainda podem despertar algum interesse, nem que seja apenas como testemunho.

Em uma confissão preliminar, o autor faz um balanço, fala de suas dúvidas e de seu desnorteio e se entrega, sem grandes ilusões, embora ainda com algumas centelhas de esperança.

Pois, para além das gerações e das diferenças de vida e de estilo, sempre existem, de ser humano para ser humano, correspondências espirituais. Um rapaz de vinte anos, muitos anos depois do autor deste livro, pode sentir as mesmas vibrações. Elas perdurarão até o fim do mundo. Que importa, então, no fundo, a maneira de expressá-las ou a identidade de quem as expressa?

Ingênuo apesar de tudo, preservado puro à força de lutar, ou destruído e trespassado por suas faltas e máculas, o coração do ser humano permanece imutável, digam o que disserem e façam o que fizerem com ele. Antigamente, estas notas se dirigiam a esse coração.

Em suma, ainda hoje elas se dirigem a ele, mas sem que aquele que lança estas folhas aos ventos atormentados de sua época saiba ao certo se conseguirão comover ou apenas provocar o riso daqueles cuja morte interior se revestiu das cores da ironia.

Prólogo espanhol do doutor Marañon

Estas linhas, que dirijo aos homens que falam minha língua, que passam perto de mim e desejam me ouvir, têm por objetivo aconselhá-los a ler as páginas, breves e veementes como batimentos do coração, do livro em homenagem ao qual escrevo esta mensagem.

Não admito, nunca admiti e jamais admitirei que os homens possam se afastar uns dos outros, a não ser por motivos profundos e permanentes. E, mesmo assim, é preciso sopesar essa profundidade e essa permanência com tamanha sinceridade que quase nunca chegarão a parecer suficientes, se formos leais à verdade.

E é claro que os motivos de ordem política, por mais envoltos que nos pareçam na paixão, na fumaça e no sangue das revoluções e das guerras, não passam de elementos circunstanciais. Circunstâncias que, no íntimo de nós mesmos, não podem ter peso e não devem ter acesso aos redutos secretos em cujo fundo a consciência elabora seu julgamento definitivo sobre as coisas e os homens.

Digo isso para explicar minha atitude àqueles que se permitiriam estranhar o fato de ser eu quem elogia e apadrinha este livro, resplandecente como uma chama, no qual um homem cuja trajetória social difere da minha narra sua vida, sua vida exterior e sua vida interior. E acrescento que esta explicação nada tem de desculpa, pois aqueles que pretendessem exigi-la de mim não a mereceriam. E não a mereceriam pelo simples fato de formularem tal exigência. As palavras que escrevo aqui, repletas de amizade, nada mais são que um gesto de libertação, gesto que, vindo de mim e modesto por isso mesmo, representa uma lição de que necessitam, acima de tudo, para que o mundo siga um bom caminho, aqueles que, sem o serem, julgam-se liberais.

É um prazer profundo e reconfortante comprovar — e isso se comprova sempre que se deseja — que o homem que pensa de maneira diferente da nossa é como um outro nós mesmos e igual a qualquer outro homem que cultive os ideais que lhe agradam.

Basta, para constatá-lo, despirmo-nos da máscara sob cuja proteção atravessamos a vida e falar, em voz baixa, do que se passa no fundo do nosso coração. Um coração, quando deixado a sós, é sempre mais ou menos igual a todos os outros corações.

Quem poderia duvidar disso ao ler, por exemplo, as páginas deste livro intituladas “O Coração e as Pedras”? Essas páginas têm uma beleza impossível de superar, vibram de emoção humana e estão repletas de esperança em um mundo unido e melhor. Para elas — e na medida de nossas forças — polimos as palavras mais sutis e nobres da língua castelhana, como se pule o ouro no qual será engastada uma esmeralda.

Gregorio Marañon

Primeira parte — Os Corações Vazios

I. O fogo e as cinzas

Eis-me chegado quase ao fim de minha jornada humana. Senti quase tudo. Conheci tudo. E, acima de tudo, sofri tudo.

Vi, deslumbrado, erguerem-se os grandes fogos dourados de minha juventude. Seu incêndio iluminava meu país. As multidões faziam dançar ao meu redor as ondas estreladas de seus milhares de rostos. Seu fervor, seus movimentos, tudo isso existiu.

Mas será que de fato existiu? Não terá sido tudo um sonho? Não terei sohado que, antes dos trinta anos, um país inteiro pronunciava meu nome e que, em certos dias, os jornais mais distantes do planeta o repetiam?

Recolhido em minhas tristezas de exilado, chego a não mais acreditar nem sequer em meu próprio passado. Vivi ou não aqueles tempos? Conheci aquelas paixões? Agitei aqueles oceanos? Percorro meus terraços. Inclino-me sobre minhas rosas. Distingo cada um de seus perfumes. Algum dia fui outro ser além deste sonhador solitário que tenta em vão capturar lembranças, esgarçadas como nevoeiros de montanha?

Tudo isso não terá sido outra coisa senão uma alucinação?

Ao longe, muito ao longe, em meio a luzes desbotadas, já não vejo senão corpos à maneira de El Greco, cada vez mais esguios. Essas pessoas que desaparecem para sempre no horizonte me conheceram? Seguiram-me? Eu as arrastei comigo? Eu existi?

Em minhas lembranças, assim como em minhas mãos, já não sinto deslizar senão um vento fugaz.

Meus olhos — e que olhos devo ter, olhos de desesperado? —, por mais que perscrutem o céu impassível e tentem enxergar nas profundezas dos anos, nas profundezas do século, a que podem se agarrar?…

Até que ponto o ser que sou ainda é aquele que outrora levava meu nome, que era conhecido e ouvido? Aquele por quem muitos viveram e por

quem, infelizmente, muitos morreram? Que relação esse ser ainda tem com o homem que percorre, amargurado e interminavelmente só, alguns metros de terra estrangeira, remexendo o próprio passado, perdendo-se nele, até acabar por já não acreditar nele, perguntando-se se foi realmente ele quem cem vezes foi revirado nos turbilhões de um Destino implacável e se não está apenas saindo de um longo túnel gelado onde tudo não passava de fantasmas?…

Então, se duvido da minha carne, dos meus ossos, daquilo que outrora foi forjado por minha atuação pública, se duvido da realidade do meu passado e da parte que pude desempenhar em alguns anos de construção da história dos homens, o que ainda posso crer a respeito dos ideais que nasciam em mim, que me abrasavam, que eu projetava, do valor das convicções que então possuía, dos meus sentimentos, do que pensava sobre a humanidade, do que sonhava criar para ela?

Cada ser humano é uma sucessão de seres humanos, tão diferentes uns dos outros quanto os transeuntes cujos rostos díspares perscrutamos na rua.

Aos cinquenta anos, em que ainda nos parecemos com o jovem de vinte anos de quem tentamos nos lembrar e cuja continuação queremos ser a todo custo? Até sua carne já não é a mesma: foi embora, refeita, renovada. Nem um milímetro de pele ainda é a pele daqueles tempos.

E a alma, então? E aquilo que pensávamos? Os sentimentos que nos impeliam à ação? E os sentimentos que nos atravessavam o coração como sopros de fogo?…

E quantos homens diferentes não carregamos dentro de nós, combatendo-se, contradizendo-se ou até ignorando-se uns aos outros? Somos o bem e somos o mal, somos a abjeção e somos o sonho. Somos ambos, enredados em teias inextricáveis.

Mas não é aí que reside o horror do destino. O horror está em romper essas próprias teias para lançar a alma pela borda; o horror está em ter de admitir que o essencial de nossas vidas foi caricaturado, desfigurado por mil máculas e mil renúncias.

Quem nunca conheceu semelhantes derrocadas…?

Alguns se dão conta de sua falência com dor. Outros a constatam com cinismo ou com o sorriso esperto daqueles e daquelas que não se deixam enganar, convencidos de que o conhecimento do ser humano e a superioridade do espírito consistem em ter passado por todas as "experiências", em ter esgotado deliberadamente o que há nelas de mais perverso, sem espanto excessivo nem arrependimento posterior, encontrando no uso e na profanação de tudo o conhecimento, a condescendência e o equilíbrio de uma "ética" da decomposição, livre de qualquer contrapeso de ordem espiritual.

Sem dúvida, o mundo em que vivemos tornou-se, em grande parte, o mundo desses amorais tão seguros de si?… Sem dúvida, aqueles que ainda insistem em imaginar uma humanidade que elevadas virtudes poderiam embelezar tornaram-se seres anacrônicos, não evoluídos, presos a velhas obsessões, vivendo à margem dos homens, de seu tempo, da moda, da realidade?…

Cheguei a esse ponto. Eu havia sonhado com um século de Cavaleiros, fortes e nobres, que dominassem a si mesmos antes de dominar. Duro e puro, diziam minhas bandeiras. Sinto-me desajeitado com meu fardo de sonhos passados. Sei que sentimentos como aqueles que tentei expressar quase já não são sentidos e chegam até a parecer "incômodos" para alguns.

Mas já vi tanto, sofri tanto, que uma amargura a mais não me fará desistir agora que cheguei até aqui. Portanto, paciência! Esses sonhos, sim, eu os tive. Esses impulsos, sim, eu os carreguei. Esse amor pelos outros, sim, ele me abrasou, consumiu-me. Quis ver no homem um coração para amar, entusiasmar e elevar; uma alma que, ainda que meio asfixiada pela pestilência de suas servidões, ansiava por reencontrar um sopro puro e às vezes esperava apenas uma palavra, um olhar, para se libertar e renascer…

Sejamos claros. Não tenho direito algum de lançar, para uso dos outros, considerações morais ou espirituais. Sei disso muito bem. Tive minha parcela de misérias, infelizmente, como tantos outros; e, mesmo que

não as tivesse sofrido, tantas me foram atribuídas que, ao analisar a mim mesmo, já não consigo sentir senão confusão e uma tristeza insondável.

No entanto, os arroubos de ideal que lançam seu fogo neste livro me devoraram todos os dias de minha existência. Eu deveria, sem dúvida, ter deixado a outros, menos atingidos, o cuidado e a responsabilidade de entoar verdadeiros cantos humanos banhados de luz. Mas esse fogo me incendiava.

Hoje, sufocado por um destino implacável, o grande incêndio de outrora deixou apenas cinzas.

Apesar de tudo, volto a elas obstinadamente, porque evocam os momentos de fervor de minha vida, os impulsos mais profundos, a própria base espiritual de minha ação. Ei-las, portanto, de bom ou mau grado, entregues ao vento que logo as dispersará…

Estes pensamentos, estes sonhos, nem sequer estão ordenados. Não fiz um plano. É o cúmulo. Não me sentei à mesa como um escritor distinto e sensato. Não escrevi um “Manuel de l’Idéaliste”, capítulo por capítulo, calculando tudo, dosando tudo.

Nem sequer isso. Nada disso. Que fazer!

Os impulsos da alma não podem ser regulados como a vazão de um aparelho a gás. A esperança, a paixão, o amor, a fé, a dor e a vergonha ditavam-me textos que eu lançava aos homens neste ou naquele momento, porque então os sentia com maior intensidade. Às vezes, isso acontecia no auge de minha atuação pública. Outras vezes, no abandono, na lama e no frio de minha distante vida de soldado, sofrendo nas vastidões da Frente Oriental. Mas a alma que vivia esses impulsos seguia um fio condutor, invisível para muitos: era, contudo, a artéria que alimentava espiritualmente minha existência.

Assim, estas notas não são tão dispersas; elas exprimem os altos e baixos de uma alma entre as almas, todas elas com seus altos e baixos.

Sem dúvida, o espírito que alcançou a “sabedoria” apática do cinismo pode, sorrindo, dominar os mármores gelados de seu cemitério interior e

gravar neles suas constatações com uma caneta impassível. Mas o fogo tem chamas diversas: ergue-se, abranda, renasce, lança-se novamente. Este livro é fogo, com as exaltações do fogo, os excessos do fogo.

Se ao menos pudesse ter o calor benéfico desse fogo! Se algumas almas pudessem encontrar junto dele conforto e vigor, como os encontramos ao meditar, à noite, diante de uma grande fogueira quase silenciosa! As ondas de sua vida poderosa penetram, assim como seu fulgor e seu recolhimento. Elas se oferecem por inteiro, entregam-se por inteiro. A dádiva, a verdadeira dádiva, é assim: consome-se até o último tição.

Aqui, no meu caso pessoal, já não se trata senão de um fogo morto. Minha vida despencou em abismos e foi submersa por ondas de fundo que tudo recobriram.

Mas, apesar de tudo, quero acreditar que esses impulsos que animaram a ação de um homem já morto aos olhos da maioria — ainda que tenha a desventura de continuar vivo para si mesmo — ainda poderão alcançar espiritualmente, aqui e ali pelo mundo, corações angustiados…

Recordo-me de três palavras que um dia decifrei numa tumba de mármore negro, lá em Damme, na Flandres, numa igreja de minha pátria perdida: *ETSI MORTUUS URIT*: “Mesmo morto, ele arde”.

Que estas páginas, último fogo fugaz daquilo que fui, ardam ainda por um instante, reaqueçam por mais um instante as almas assombradas pela paixão de se doar e de crer, de crer apesar de tudo, apesar da segurança dos corruptos e dos cínicos, apesar do triste sabor amargo que deixam na alma a lembrança de nossas quedas, a consciência de nossa miséria e o imenso campo de ruínas morais de um mundo que tem certeza de já não ter salvação, que disso se gloria e que, no entanto, precisa ser salvo, mais do que nunca precisa ser salvo.

II. A agonia do século

Amar? Por quê? Por que amar?

O ser humano se entrincheirou atrás de seu egoísmo e de seu prazer. A virtude abandonou seu canto natural. Zomba-se de seus antigos ritos. As almas sufocam. Ou até mesmo foram liquidadas, por trás dos cenários dos hábitos e das convenções.

A felicidade tornou-se, para o homem e para a mulher, um amontoado de frutos que eles mordem às pressas ou nos quais cravam rapidamente os dentes, para depois lançá-los de qualquer jeito — corpos arruinados, almas arruinadas —, assim que se esgota o frenesi passageiro, já em busca de outros frutos mais excitantes ou mais perversos.

O ar está carregado de todas as renúncias morais e espirituais. Os pulmões aspiram em vão a uma lufada de ar puro, ao frescor de uma névoa marinha lançada rente às areias.

Os jardins interiores dos homens perderam suas cores e seus cantos de pássaros. O próprio amor já não se entrega. E, afinal, o que é o amor, a palavra mais bela do mundo, rebaixada à condição de passatempo físico, instintivo e intercambiável?

No entanto, a única felicidade residia na doação, a única felicidade que consolava, que embriagava como o perfume pleno dos frutos e das folhagens do outono.

A felicidade só existe na doação, na doação completa; seu desinteresse lhe confere sabores de eternidade; ela retorna aos lábios da alma com uma suavidade imaterial.

Dar! Ter visto olhos brilharem por terem sido compreendidos, tocados, plenamente satisfeitos!

Dar! Sentir as grandes ondas de felicidade que flutuam como águas dançantes sobre um coração subitamente engalanado de sol!

Dar! Ter alcançado as fibras secretas que tecem os mistérios da sensibilidade!

Dar! Ter o gesto que alivia, que tira da mão seu peso carnal, que esgota a necessidade de ser amado!

Então o coração se torna leve como o pólen. Sua alegria se eleva como o canto do rouxinol, voz ardente que alimenta as sombras. Transbordamos de júbilo. Esvaziamos essa força de felicidade que não havíamos recebido para nós, que nos pesava e que precisávamos derramar, assim como a terra não pode conter para sempre a vida das fontes e as deixa irromper sob os açafrões e os narcisos, ou pelas fendas dos rochedos verdes.

Mas hoje, em mil fendas ressecadas, as fontes espirituais deixaram de jorrar. A terra já não derrama essa dádiva que a fazia transbordar. Retém sua felicidade. Sufoca-a.

É aí que reside a agonia de nosso tempo. O século não desmorona por falta de sustentação material. Nunca o mundo foi tão rico, cercado de tanto conforto, amparado por uma industrialização tão produtiva. Nunca houve tantos recursos nem tantos bens disponíveis. É o coração do homem, e somente ele, que se encontra em estado de falência.

É por não amar, por não crer e não se entregar que o mundo desfere contra si mesmo os golpes que o assassinam.

O século quis ser apenas o século dos apetites. Seu orgulho o perdeu. Acreditou nas máquinas, nos estoques, nos lingotes, sobre os quais reinaria como senhor. Acreditou igualmente na vitória das paixões carnais lançadas para além de todos os limites, na libertação das mais diversas formas de prazer, incessantemente multiplicadas, cada vez mais degradadas e degradantes, dotadas de uma “técnica” que, em suma, geralmente não passa de uma acumulação, sem grande imaginação, de vícios bastante pobres, próprios de seres esvaziados.

De suas conquistas, ou, mais exatamente, de seus erros e depois de suas quedas, o homem só extraiu prazeres que, a princípio, pareciam extremamente excitantes, mas que, na verdade, não passavam de veneno, lama e falsidade.

No entanto, por essa falsidade, essa lama e esse veneno, o homem e a mulher haviam abandonado e profanado, em meio a seus sonhos e a seus corpos devastados, a alegria interior, a verdadeira alegria, o grande sol da verdadeira alegria. Os acessos de prazer proporcionados pelas posses — matéria ou carne — cedo ou tarde haveriam de se dissipar, porque eram ilusórios, corrompidos desde o início e cada vez mais viciosos.

No coração dos vencedores passageiros dessas disputas estéreis, restaram apenas a paixão de tomar, de tomar depressa, os acessos de cólera que os lançam contra todos os obstáculos e os odores insípidos de decadência impregnados em suas vidas arruinadas e apodrecidas.

Fúteis, esvaziados, de mãos inertes, nem sequer percebem aproximar-se o instante em que desmoronará a obra artificial de seu tempo.

Ela desmoronará porque contrariava as próprias leis do coração e — digamos a grande palavra — as leis de Deus. Somente Ele, por mais que tenham zombado disso, dava equilíbrio ao mundo, orientava as paixões, abria-lhes as comportas da entrega completa e do amor autêntico, dava sentido aos nossos dias, quaisquer que fossem nossas alegrias e desventuras.

Poderão reunir todas as Conferências do mundo, agrupar em rebanhos os Chefes de Estado, os especialistas em economia e os expoentes de todas as técnicas. Eles ponderarão. Decretarão. Mas, no fundo, fracassarão, porque deixarão de lado o essencial.

A doença do século não está no corpo.

O corpo está doente porque a alma está doente.

Era ela que se devia curar e devolver à vida; é ela que, custe o que custar, será preciso curar e reavivar. É aí que está a verdadeira, a grande revolução a realizar.

Revolução espiritual. Ou falência do século.

A salvação do mundo está na vontade das almas que creem.

III. Vida reta

Aqueles que hesitam diante do esforço são os que têm a alma entorpecida.

Um grande ideal sempre nos dá forças para dominar o corpo, suportar o cansaço, a fome e o frio. Que importam as noites em claro, o trabalho extenuante, as preocupações ou a pobreza!

O essencial é ter, no fundo do coração, uma grande força que aquece e impele para a frente, que retesa os nervos enfraquecidos, faz o sangue cansado pulsar com força e acende nos olhos o fogo que arde e conquista.

Então nada mais custa; até a dor se transforma em alegria, pois é um meio de elevar a própria entrega, de purificar o próprio sacrifício.

A comodidade adormece o ideal. Nada o reergue melhor que o açoite de uma vida dura; ela nos faz compreender a profundidade dos deveres que devemos assumir, da missão da qual precisamos ser dignos.

O resto não importa.

A saúde não tem importância alguma.

Não estamos na Terra para comer na hora certa, dormir no horário, viver cem anos ou mais. Tudo isso é vão e tolo.

Uma só coisa importa: ter uma vida útil, afiar a própria alma, debruçar-se sobre ela a cada instante, vigiar suas fraquezas e exaltar seus impulsos, servir aos outros, espalhar ao redor de si felicidade e ternura, estender o braço ao próximo, para que todos se elevem ajudando-se uns aos outros.

Uma vez cumpridos esses deveres, que importa morrer aos trinta ou aos cem anos, sentir a febre pulsar nas horas em que a besta humana grita, exaurida pelo esforço?

Que ela se erga novamente, apesar de tudo!

Ela existe para entregar sua força até se consumir.

Só a alma importa e deve dominar todo o resto.

Breve ou longa, a vida só tem valor se não tivermos de nos envergonhar dela no momento em que for preciso devolvê-la.

Quando a suavidade dos dias nos convida, e a alegria de amar, e a beleza de um rosto, de um corpo perfeito, de um céu leve, e o chamado das viagens longínquas, quando estamos prestes a ceder a lábios, a cores, à luz, ao torpor das horas de descanso, encerremos em nossos corações todos esses sonhos à beira de evasões douradas…

A verdadeira evasão é abandonar essas queridas presas dos sentidos, no exato instante em que seu perfume convida nossos corpos a desfalecer.

É nessa hora, quando é preciso reprimir o que há de mais terno em si mesmo e elevar seu amor acima do próprio coração, quando tudo é penoso até a crueldade, que um sacrifício começa verdadeiramente a ser inteiro, a ser puro.

Fomos além de nós mesmos, enfim damos alguma coisa.

Antes, ainda era a nós mesmos que buscávamos, e aquele restinho de orgulho e de glória que corrompe tantos ímpetos que de repente brotam de nossas almas e são utilizados em vez de oferecidos.

Só damos de verdade, sem cálculo — pois tudo passou para um lado e nada restou do outro — quando primeiro matamos o amor por nós mesmos. Isso não acontece por si só, pois a fera humana é renitente. E compreendemos tão mal os ensinamentos da amargura…

É doce sonhar com um ideal e construí-lo no pensamento. Mas isso ainda é, para dizer a verdade, muito pouca coisa.

O que é um ideal que não passa de um jogo, ou, digamos, até mesmo de um sonho muito puro? Depois disso, é preciso construí-lo na própria existência.

E cada pedra é arrancada de nosso conforto, de nossas alegrias, de nosso repouso, de nosso coração.

Quando, apesar de tudo, o edifício se ergue ao fim dos anos, quando não paramos no caminho, quando, depois de cada pedra mais pesada a erguer, seguimos adiante, só então o ideal começa a viver.

Ele só vive na medida em que morremos para nós mesmos. Que drama, no fundo, uma vida íntegra…

Segunda parte – Fontes de Vida

IV. A Terra de Origem

Somos homens de um povo, de uma terra, de um passado. Podemos não saber disso. Podemos tentar esquecer. Mas os acontecimentos logo se encarregam de nos reconduzir às fontes da vida.

Eles nos reconduzem primeiro aos homens do nosso sangue: vergonhosa ou luminosa, a família tece ao nosso redor seus laços, cada vez mais estreitos e firmes com o passar do tempo.

Às vezes eles sufocam. Nunca conseguimos nos livrar deles.

Quando o sangue está em jogo, reagimos de imediato. O sangue, de antemão, tem razão. Formamos um só corpo com ele, como se nossas veias constituíssem um único organismo e a família tivesse um só coração, um coração que lança o mesmo sangue em cada um de nós e, de toda parte, o chama de volta ao foco vital.

O mesmo acontece com o país.

Não há como escapar dele.

A visão de uma gravura amarelada de nossas catedrais, a lembrança do cheiro das dunas, da cor cinzenta de nossas colinas, da curva de nossos rios faz subir à nossa garganta um amor que nos sufoca, de tão comovido, enquanto brame.

O passado do país se inscreve até o fundo de nossa consciência e de nossa sensibilidade. Tudo em nós é permanência, renascimento, mesmo sem que o percebamos.

O passado de um país renasce em cada geração como a primavera retorna, sempre em novas germinações.

Por mais despreocupados que sejamos, por mais que corramos o mundo e deixemos nosso espírito se extraviar, a terra natal faz correr em nossos corações uma força que não criamos e que nos domina.

E basta a voz de uma estação transmissora captada num país distante, trazida por ondas imprecisas, para que lembranças, vínculos e leis tornem a se delinear, verdadeiras filigranas inscritas de modo indestrutível na trama de nossos dias atormentados.

V. O coração e as pedras

É preciso ter singrado os mares mais distantes, conhecido as noites avermelhadas dos Trópicos, os fogos dos canaviais, os cantos dos negros, os desertos com suas areias rosadas, seus arbustos sem folhas, os esqueletos de cavalos descarnados pelos ventos; é preciso ter percorrido os lagos gelados e as neves ardentes, colhido mimosas nas ruínas de Cartago, toranjas em Havana, um fio de relva junto às caneluras da Acrópole, para amar plenamente um país, aquele que vimos primeiro, com os únicos olhos lúcidos que existem no mundo: os olhos de criança.

É preciso ter conhecido outras viagens, levando consigo os móveis e as roupas, os livros, os quadros, os modestos bens materiais; é preciso ter sido esse nômade dos apartamentos anônimos onde nos sentamos como num trem, para conhecer a paixão e a nostalgia da primeira de todas as paisagens, desse cenário do coração que é a “casa”.

Podemos recordar sem pesar as grandes alegrias das terras estrangeiras. Elas ainda douram nosso olhar: o dia nasce amarelo e prateado sobre as palmeiras que margeiam o Mar das Antilhas; a névoa fumega entre as oliveiras do vale de Delfos; pescadores remam na noite azul-clara das Cíclades; o palmeiral é riscado de sol junto às muralhas avermelhadas de Marrakech. Mas a lembrança das andanças por essas prisões que são as moradias sem alma nos pesa e nos sufoca.

O que resta, em nossa vida, desses pousos impessoais?

As paredes onde, sem afeto, penduramos e retiramos os quadros? O apartamento vizinho de onde nos espreitam? Os ruídos misturados dos

telefones? A escada onde nos cruzamos sem nos conhecer? O elevador, como um camburão, com suas grades duplas?…

Olhamos para esse cenário de vida e morte com olhos opacos, carregados de verdadeiro desespero.

O que nos dizem essas divisórias, essa cozinha aberta para pátios horríveis, de poucos metros de extensão, sem um recanto inesperado, sem um capricho, sem uma folhagem natural e sem um ninho?

O que nos dizem essas camas e esses móveis colocados de qualquer jeito, pouco à vontade, constrangidos como se não se sentissem em casa, coitados, infelizes e nômades como nós?

Pois até os móveis têm alma.

Esse velho armário que atravanca o corredor, essa caixa de relógio que já não ressoa para não incomodar ninguém, já viveram, já conheceram uma verdadeira casa, tiveram durante cem anos, duzentos anos, seu lugar, seus roçamentos, seu cheiro. Suas portas batiam como asas. As horas irrompiam como chamados.

Pobre armário e pobre relógio, longe do assoalho encerado, do cheiro de lavanda, da água que se jogava sobre a escada gasta, das vozes vizinhas, da saudação do sol que entrava de repente pela porta aberta…

Nós, os desenraizados modernos, arrastados de apartamento em apartamento pelas cidades de olhos vazios, sentimo-nos um pouco mais arrancados de nossos próprios corações cada vez que precisamos transpor uma nova soleira, iluminar esses corredores brancos demais, habituar-nos a essas maçanetas, a essas persianas, a essa porta que não fecha direito, a esse gás que se inflama depressa demais, a esses ônibus que passam com um uivo brutal que dilacera a alma…

Calamo-nos.

Mas não esquecemos nada.

E o homem, como o velho armário e o grande relógio, imóvel, olha e vê…

A casa natal revive nas lembranças. Ei-la. Um pouco de folhagem ilumina a fachada. Dois degraus de pedra azul. Uma grande varanda coberta de vinha-virgem, voltada para os jardins. Tudo está em seu lugar. Tudo tem um sentido, um cheiro, uma forma concreta. Vamos até o armário: o armário, essa palavra magnífica, plena, grave, porque ele guarda o pão e os alimentos essenciais. De olhos fechados, conseguimos encontrar o que procuramos. Este canto cheira a tabaco; aquele, ao gato, que sempre ronronou no lugar mais aconchegante. Esse ruído é a cadeira do escritório, de onde papai se levanta. Esses passos, entrecortados por pausas, são os de mamãe, que, na sala de jantar, rega suas flores. Esses quartos não são lugares de passagem. É o quarto “acima da sala”, é o quarto “acima do escritório”, é o quarto “das crianças”, mesmo quando elas já se tornaram homens de *pensamentos pesados* …

Cada um desses quartos tem sua história, conheceu suas vigílias, seus doentes; de um deles, certa manhã, alguém desceu carregando nos braços um corpo querido…

Ah! O horror desses apartamentos anônimos onde nossos filhos nasceram ou morreram, diante de cenários sem vida, abandonados desde então e onde outros nômades, por sua vez, retomaram a vida entrecortada, sem lembranças que se gravem na alma, sem sequer ousar guardar alguma, pois não saberíamos onde colocá-las…

Casa de outrora, com teus pobres tecidos de cretone, teu mau gosto às vezes, aquela bola do corrimão, aquelas fotos de crianças enfileiradas uma atrás da outra, o grande piano, a lareira negra, a banheira de estanho em que entrávamos um depois do outro, aqueles passos cujo peso ainda sentimos vinte anos mais tarde só de nos lembrarmos deles, aquelas respirações que tornamos a ouvir passando junto de nós, aquele rosto de mamãe que revive ao longe e depois está ali diante de nossos olhos, quase impenetrável, e que de repente nos faz sentir tão crianças que gostaríamos de ser acariciados outra vez…

Chamados de imensa ternura ressurgem com perfumes distantes de flores e folhagens; cantos de água atravessam o fundo do jardim, numa suavidade de sol diferente em cada lugar do mundo.

Tudo vem daquele tempo.

Infelizes as crianças que jamais terão tido uma casa sua e que não reúnem essas lembranças que fazem a vida…

É a casa que nos molda.

Como teríamos uma alma se a casa não tem rosto, se não passa de uma máscara trocada a cada carnaval dos homens?

Só podemos centrar a vida em corações e pedras; o resto se vai como longas jangadas de madeira à deriva nas águas do inverno.

Casa, fortaleza e ternura…

Tudo vai ganhando um rosto pouco a pouco, à medida que avançam os trabalhos, as dores compartilhadas, os filhos que nascem.

As paredes abrigaram os amores e os sonhos.

Os móveis, bonitos ou feios, foram companheiros e testemunhas.

Um perfume se eleva suavemente dessas almas entrelaçadas, e também um recolhimento, um repouso, uma certeza, em lugar das paradas ofegantes nos patamares da existência.

Doçura, equilíbrio, pontos de referência, testemunho, exame de si. Sem mamãe e sem a casa, diga-me, minha alma, onde estaríamos?

VI. A carne que desponta

Os homens podem se rebaixar, viver numa agitação cada vez mais frenética, e milhões de degenerados podem estufar o peito: a nobreza materna conserva, em meio a milhares de corações naturais e vibrantes, seu fulgor comovente. Ela nos comove hoje como nos dias em que as primeiras mulheres sentiram o corpo agitado por estremecimentos indizíveis.

A partir desse momento, elas já não são as mesmas. Ontem corriam, de olhar límpido, alma vazia, lábios distraídos. A vida que nasce dentro

delas como uma floração oculta lhes dá de repente uma gravidade, uma segurança, uma grande força altiva, a certeza de criar, de dar, e o encanto comovido do mistério vivo que um dia brotará de suas dores.

Ainda passam rindo, mas seu olhar é mais profundo. Carregam dentro de si um tesouro cujas pulsações se unem às suas pulsações mais íntimas. Seus impulsos, sua melancolia, esse grande ideal, às vezes não confessado, que as eleva ou as atormenta, os pensamentos e os arrependimentos, as alegrias e os desejos tornam-se uma só coisa com essa vida invisível a todos, presente a cada instante para elas, que lhe dão sangue e alma numa comunhão perfeita de carne e coração.

Elas são corajosas e cansadas.

Cansadas do corpo que cede, cansadas de sua juventude curvada como galhos sob o peso de frutos pesados demais, cansadas de sol e de vento.

Mas valentes diante dessa vida nova que seu ventre abriga com ternura, nessa carne que suas vibrações mais delicadas modelam.

Elas sabem que essa alma-flor, mal desabrochada na noite, será amanhã frescor, inocência, se o coração delas, que a envolve como o céu noturno, estiver repleto da doçura e da paz das noites em que tudo é apenas estrelas e silêncio.

Em meio ao mundo que ressoa, elas carregam essa noite de luz.

Seus olhos sonhadores contemplam essas vastas paisagens lunares onde dormita, poderoso e imenso, um mundo que somente elas conhecem.

Elas contemplam essas montanhas azuis, essas águas negras e lisas, esse encantamento do céu cravejado de luzes engastadas no azeviche das noites como pedras inalcançáveis.

Elas avançam sob essas claridades noturnas, o coração apertado, mas o passo firme.

Ninguém mais segue esse caminho. O universo anda distraído. Só elas velam. Só elas têm os olhos da carne. Avançam, o corpo pesado, a alma tensa, elevada, como que atraída pela grandeza dessas noites secretas.

Esses meses em que a carne floresce são sua primavera particular, em que as sombras e os perfumes, as cores e as luzes só alcançam seu grande amor, estendido de braços abertos para a vida como um pomar do coração.

Elas conhecerão a libertação das auroras carnais e o desprendimento do sonho, depois os esforços constantes, curvadas sobre esses corpos e essas almas que as encantam e as assustam.

Realeza trêmula e radiante.

O que renascerá nesses corações?

Conservarão eles o canto e a virgindade das águas das montanhas?

Esses olhos ingênuos farão alguém chorar um dia? Essa cabecinha encaracolada, da cor do sol sobre o muro de pedra, abrigará pensamentos límpidos, o ideal com que a mãe sonhou, como gladíolos ardentes? O melhor, para não temer demais, será traçar ela própria o caminho reto, mas margeado de verdura e bosques frescos, acima do qual viajam brancuras que alisam os caminhos da terra ao céu.

A mãe não colocará no coração dos pequenos, mais uma vez, senão aquilo que tiver alimentado dentro de si mesma.

A alma deles conterá o que a dela tiver contido.

As imagens de seu coração projetarão sobre eles grandes reflexos, como vemos sombras avançarem pelos campos sob as nuvens brancas dos vastos céus abertos e tépidos.

Ela só poderá suportar o olhar deles se sua alma for tão límpida quanto a deles. Tudo o que não é fresco e puro surpreende as crianças e deixa sua marca em seus corações.

VII. A vocação para a felicidade

Quanto mais avançamos entre sorrisos hipócritas, olhos cobiçosos ou impuros, mãos interesseiras e corpos definhados, mais nos decepcionamos com a mediocridade da existência.

Logo percebemos que só permanecem sólidas e eternas as alegrias depositadas em nosso coração quando éramos pequenos.

É então que nos tornam felizes ou infelizes para sempre.

Se tivemos uma infância tranquila, suave como um vasto céu dourado, se aprendemos a amar e a nos doar, se desfrutamos, desde muito pequenos, do encantamento que a todo instante nos proporcionavam o céu e a luz, a natureza sempre ao nosso alcance e sempre mutável, se formaram em nós um coração simples como o olhar dos animais, ingênuo como a manhã, humano, sensível, bom, ligado aos afetos verdadeiros e naturais, a vida continuará sendo para nós, até o fim dos caminhos pedregosos ou lamacentos, semelhante ao céu que, poderoso e límpido, se ergue acima dos atoleiros das piores estradas.

Existe uma vocação para a felicidade. Nós a desenvolvemos ou a sufocamos.

Se as crianças forem educadas, simplesmente, para alegrias profundas, mas elementares, avançarão pela vida conservando nos olhos a luz de sua vida interior, equilibrada, sem desvios constantes.

Mas, se sua infância for deformada, se tiverem visto ou ouvido demais, se tiverem sido arrastadas por um turbilhão, se anos de serena ternura não tiverem fortalecido nelas a frágil felicidade de sua inocência, então sua vida será aquilo que foi sua infância: em vez de apenas verem a desordem, elas próprias serão a desordem. Como nunca adquiriram estabilidade em seus gostos, sentimentos e pensamentos, ficarão à mercê das tempestades, das alegrias turvas que as consumirão e causarão infelicidade aos outros.

Depois, torna-se difícil mudar.

Não se endireita uma árvore que já enrijeceu; no máximo, pode-se então desbastar a folhagem ou cortar alguns galhos.

Mas, quando ainda era jovem, cheia de seiva, teria sido possível curvá-la com um dedo ágil, guiá-la, ajudá-la a florescer.

É justamente quando as crianças parecem apenas brincar, observar, sem nada além disso, um pardal ou uma cotovia, soletrar palavras e dar beijos, que registram em seu coração, em sua imaginação, o espetáculo exato que lhes oferecemos.

A vida não fará mais que revelar a fotografia; os ácidos da existência gravarão nelas as imagens, belas e poderosas, ou turvas e entristecedoras, que tivermos oferecido a seus pequenos olhos curiosos, a seu coração límpido como uma folha de papel brilhante.

Aquilo de que nosso orgulho, nossa agitação ou, infelizmente, nossas paixões as tiverem privado, pagaremos caro mais tarde, ao vê-las instáveis, insatisfeitas, de alma sem firmeza, ou com a alma devastada por nossa culpa.

VIII. O tempo dos Natais

Éramos apenas crianças das Ardenas.

A neve fechava o horizonte, cobria de capuz a cumeeira dos telhados e se acumulava em montes cada vez mais espessos sob nossos tamancos.

Tínhamos certeza de ter visto São José dobrar a esquina da Rue du Moulin. À meia-noite, era difícil subir a ladeira da igreja. Haviam nos permitido levar os tamancos nas mãos no último trecho íngreme. Depois, passáramos bruscamente da noite, com seus dardos gelados, para o odor quente das naves resplandecentes.

A cabeça girava um pouco. O incenso nos embriagava.

O próprio Deão estava pálido.

Mas o coro alto fazia um estrondo capaz de espantar os javalis a dez quilômetros de nossos grandes bosques cerrados. O homem que acionava os foles do órgão pedalava como se temesse chegar atrasado.

O professor conduzia o coral em redemoinhos.

No momento de “Minuit, Chrétiens”, a emoção e o estrondo tinham sido tamanhos que havíamos subido no assento de palha das cadeiras, esperando que, de repente, os anjos descessem em disparada por cima do coro.

Mas os anjos continuaram tranquilamente parados entre as velas, com suas grandes asas em repouso.

Nós nos aproximamos deles, com uma moedinha de dois soldos sob nossas grossas luvas de lã. Ajoelhamo-nos no mármore. O boi marrom e o burro cinzento estavam bem perto de nós. E ardíamos de vontade de tocá-los para ver se o pelo deles estremeceria como junto à fonte.

Mas as crianças gostavam ainda mais das crianças do que dos animais. Jesus estava deitado sobre a palha. Nosso coração se enternecia ao pensar que ele devia estar sentindo muito frio. Ninguém lhe dera, como a nós, meias grossas. Nem tamancos. Nem cachecol para cobrir o nariz. Nem luvas de lã verde para proteger suas mãos rachadas pelo frio. Isso apertava muito nosso coração. Olhávamos, um tanto espantados, para o papai

São José, que nada fazia para chamar a atenção, e para a Mamãe de azul e branco, tão imóvel e tão bela…

Só conhecíamos mães bonitas, com olhos puros em que se podia contemplar tudo. Tínhamos contemplado tanto aqueles olhos… Mas os da Mamãe do Menino Jesus nos encantavam profundamente, como se o Céu mostrasse às crianças mais do que os homens veem…

Não dizíamos nada ao descer de volta a ladeira.

Quando as crianças não dizem nada, é porque têm tantas coisas a dizer…

O chocolate fumegante, a grande mesa coberta de bolos, em casa, nunca conseguiam, na volta, nos arrancar das conversas invisíveis que se haviam travado entre nós, filhos de mães humanas, e o menino da Mamãe do Céu.

Em cima do piano, havia sido montado outro presépio, onde podíamos, de pé sobre o banquinho, pegar nas mãos o boi e o burro.

Todas as noites acendíamos pequeninas velas cor-de-rosa e azuis. Cada um tinha a sua, que apagaria com um forte sopro ao fim das orações. Atrás de nós, ajoelhada junto a uma cadeira, no escuro, mamãe conduzia nossos impulsos religiosos, nos guiava.

Quando tudo terminava, ao nos voltarmos para ela a fim de obter permissão para apagar nossas graciosas luzinhas, víamos em seus olhos brilhar tamanha fervorosa emoção… O Paraíso entra no coração das crianças quando é a mamãe quem o traz consigo…

Naquela hora, humilde e comovida, mamãe sabia que pequenas almas haviam sido marcadas para sempre, que poderiam soprar sobre as pequenas velas acesas em nosso coração junto ao presépio, mas jamais conseguiriam apagá-las.

E a cada inverno, quando o Natal retorna, as pequenas chamas acesas por nossas mães tornam a se erguer, bem retas, e crepitam.

Terceira parte – A aflição dos homens

IX. Os cegos

O dinheiro, as honrarias, os corpos arruinados, a ânsia de agarrar uma felicidade terrena que escorre pelos dedos e sempre escapa transformaram o rebanho humano numa horda lastimável, que se lança e se dilacera em busca de libertações que não existem.

Multidão em que os risos soam falsos, para nos lembrar de que não se trata de rebanhos, mas de homens.

Esse tropel de malditos tomou os povos, depois dos indivíduos.

Já não é uma roda de indivíduos isolados, tragados por paixões ou por vícios. São as coletividades que se deixam arrastar pela vertigem dos desejos impossíveis: o desejo de ser o primeiro, isto é, de esmagar; o desejo de fundamentar seu poder na matéria, isto é, de sufocar e eliminar o espiritual, em esforços tanto mais inúteis quanto o humano se desfaz sob o aperto e o espiritual sempre ressurge, como uma censura ou como uma maldição.

A baixeza ultrapassou os círculos restritos das “elites” para alcançar os amplos círculos das massas, atingidas também, desta vez, pelas ondas que se propagam infinitamente da inveja, da ambição e dos falsos prazeres que não passam de caricaturas da alegria.

A água límpida dos corações turvou-se até as regiões mais distantes. O rio dos homens arrasta consigo um persistente cheiro de lodo.

A desordem do século transtornou tudo o que outrora era luz, juncos e voos em mergulho das andorinhas.

Os homens e os povos se medem com o olhar, os olhos carregados de violência, as mãos marcadas pelo estigma e pelas mordidas que lhes deixaram as presas ardentes, logo aviltadas.

A cada dia, o mundo se torna mais egoísta e mais brutal.

Os homens se odeiam entre si, as classes entre si, os povos entre si, porque todos se obstinam na busca de bens materiais cuja posse fugaz revela o vazio.

Mas todos abandonam os bens que o universo moral e a eternidade espiritual oferecem a cada um.

Corremos desvairados, a fronte ensanguentada de tanto nos chocarmos contra todos os obstáculos, por caminhos de ódio, de abjeção ou de loucura, bradando nossas paixões, lançando-nos sobre tudo, querendo ser os únicos a agarrar aquilo que, no entanto, jamais será alcançado.

X. As linhas da dor

Quase não há coração que não tenha sido maculado por vilezas, atos sórdidos, culpas leprosas que deixam pairar no olhar certos lampejos que não enganam.

Mesmo os corações que retornaram dos pântanos à purificação conservam sempre um gosto amargo de imperfeição e cinzas.

Pode-se reparar a porcelana rara: aquele que conheceu a queda sempre reconhecerá as linhas da ruptura, por mais delicadamente que tenham sido restauradas. Ele sabe que jamais retornará a unidade invisível do perfeito, aquela que nem sequer imaginava que pudesse morrer.

Quanto mais avançamos pela vida, mais o coração fica marcado por essas linhas de dor, imperceptíveis para todos os que não viram nem conheceram, mas dilacerantes por tudo o que contêm de delicadeza quebrada, como finas sedas que se romperam com um ruído áspero.

Felizes ainda aqueles que os sofrimentos invisíveis purificam!

Quantos outros, tendo saído como puderam do vício, obstinam-se em se convencer de que esse rebaixamento foi útil, marcados para sempre por

essa túnica ardente que esfriou sobre sua pele e nela ficou colada, feita carne como a carne corrompida, agora confundida com ela.

Que olhos podemos fitar sem tremer? O que escondem?

Quem nunca foi vil um dia, quem não carrega dentro de si palavras, gestos, desejos, abdicações inconfessáveis ou o cadáver mumificado de sua vida interior?

Quantos homens, quantas mulheres não escondem, ao abrigo das convenções, a falência de sua sensibilidade, de seus juramentos e a miserável profanação de seu corpo? Às vezes, com remorso. Na maioria das vezes, sem remorso. Ou melhor, até mesmo com um pequeno ar de triunfo e de insolente provocação.

As quedas finais, aquelas que acabaram com tudo — a decência, o pudor, o respeito por si mesmo, por seu corpo, por sua palavra, e Deus junto com o resto —, não passam do resultado de centenas de pequenas renúncias anteriores, negadas ou disfarçadas no início.

O conjunto só desmorona quando as inúmeras fibras do coração foram sendo cortadas uma após outra, entre subterfúgios e más razões, seguidos de sucessivas renúncias cada vez mais irreparáveis, até que, ao fim das derrocadas, a consciência esteja assassinada…

A degradação germina secretamente no pensamento antes de se espalhar por todo o ser.

O corpo só cede, só se deixa sujar, atoladar e, por fim, macular até a morte muito depois de a alma, negligente ou embriagada por apelos turvos, ter deixado seguir à deriva os remos que, no início, traçavam caminhos retos sobre as águas puras.

XI. Os santos

Os Santos, inteligentes ou não, mas de coração entregue sem limites, esses mesmos que os decaídos e os corrompidos julgam com tanta altivez, os Santos nos mostram que a perfeição está ao alcance de todos.

Eles também foram homens simples, mulheres simples, carregados de paixões, fraquezas e, muitas vezes, de faltas.

Eles também devem ter, por vezes, se cansado, cedido, pensado que jamais conseguiriam se livrar desse cheiro de lama e de pecado que nos acompanha.

E, no entanto, não renunciaram.

A cada queda, tornaram a se erguer, decididos a ser tanto mais vigilantes quanto mais falíveis se sentiam.

A virtude não é um deslumbramento repentino, mas uma conquista lenta, árdua e, às vezes, muito penosa. Eles conheceram a alegria sobre-humana de finalmente se sentirem vencedores de seu corpo e de seus pensamentos.

Sua luta nos mostra que a felicidade, na terra e para além dela, está ao alcance de todos. Cada um possui uma vontade da qual pode se servir.

Antes do corpo, é o espírito que vence ou capitula. E, mesmo quando o corpo cedeu, o espírito pode reerguê-lo ou deixá-lo se corromper ainda mais e, por fim, envenenar-se para sempre.

Somos senhores de nós mesmos. Podemos igualmente nos precipitar nos abismos, passar à beira deles, sair deles e superá-los. Tudo pode ser evitado e tudo pode ser feito.

XII. A eterna crucificação

Diante das ironias desdenhosas dos que vivem para os prazeres e dos céticos, mal se ousa lembrar que, há dois mil anos, o maior dos dramas humanos, o da Paixão, repete-se espiritualmente a cada primavera.

Quem vai sofrer, quem estará ali, junto ao Calvário, nestes novos dias de agonia?

No deserto do tempo ergue-se a Cruz.

A vida banal, obscura ou perversa dos homens continuará a correr como um rio sombrio. Cristo receberá os golpes e os espinhos. Tombará por terra. A madeira da cruz esmagará sua carne. Com fortes golpes de martelo, irão pregá-lo à dura madeira. *Perfuraram minhas mãos e meus pés, contaram todos os meus ossos.*

O que o mundo saberá disso?

Seu sangue descerá lentamente por seu corpo empalidecido. Seus olhos buscarão ao mesmo tempo seu Pai e nossas almas.

O que terão compreendido nossas almas dessa tragédia? Não terão estremecido nem chorado.

Nem sequer terão pensado. Nem sequer visto.

Cristo morre sozinho. Completamente sozinho.

As almas dormem, ou são estéreis, ou se suicidaram, embora seja para arrancá-las da torpor, da lama, da morte que esse corpo pende entre o céu e a terra, em meio à dor.

A aflição desse coração lança em vão gritos de desespero que deveriam gelar o mundo e suspender a respiração dos homens.

E, no entanto, é por causa de sua asfixia espiritual que o mundo decai.

É de esperança, de caridade, de justiça, de humildade que o mundo precisa para voltar a respirar um pouco.

Essa vida espiritual nos foi confiada. Somos seus portadores.

E nossas mãos pendem inertes. E nossos olhos estão secos. E nossos lábios não tremem de fervor nem de emoção.

Nossos corações são como areia seca.

Nossas almas estão no ponto morto onde morreram.

A fé só vale na medida em que conquista, o amor na medida em que arde, a caridade na medida em que salva.

XIII. Ninguém

Uma palmeira treme. A areia escorre entre os dedos bronzeados de uma criança. Cordeirinhos marcados de sangue se chocam em pequenas cabeçadas teimosas. Burrinhos minúsculos, de olhos úmidos, descem correndo a colina. A paisagem da Páscoa é nítida, luminosa. O ar ainda está fresco. Margaridas se espalham pela encosta.

Por que Cristo volta a sofrer a mais dilacerante das agonias nestes dias em que braçadas de mimosas ensolaradas iluminam as curvas das estradas?

Essas estradas, claras e tépidas, levam-no de volta todos os anos, dolorido e mudo, aos cravos e aos espinhos, ao sangue e aos escarros.

Senhor, nós vos seguimos neste cortejo empoeirado, misturados a esses pecadores rudes e covardes que vos amavam, mas que vos amavam como nós: *com medida*, como se medir o amor não fosse uma ofensa ao vosso amor.

Estamos junto deles, não somos piores que os outros, e às vezes nossos olhos brilham de alegria por vos servir. Afastamos os intrus, agitamos palmas, acreditamos estar bem perto de vosso coração: tudo isso nos faz ter uma opinião boa demais de nós mesmos.

Em vossos olhos tristes, é a nossa vaidade que projetamos.

E, na hora da agonia, porque nosso elo de amor não passava de um fio, permaneceremos longe de vossas feridas, de vosso suor de sangue e daquele grande grito glacial que atravessará a terra.

Senhor, voltamos para junto de vossos pés arroxeados. Apertamos contra o peito a madeira da Cruz, entre nossos braços trêmulos.

Como ousar erguer os olhos para vossa cabeça ensanguentada?

Não ousamos fazer outra coisa senão vos estender nossos corações consternados.

Teria sido tão doce entregar-vos nossas almas num impulso total, estar convosco desde o Jardim das Oliveiras até esta colina onde permaneceis inerte ao vento da tarde. Nem sequer tivemos a sorte do Bom Ladrão, daquele que vos amou por último, que vos lançou esse olhar desvairado que mergulhava no céu…

Sofremos sob o peso de nossas fraquezas, de nossas covardias, de nossas tibiezas.

Senhor, vós nos trazíeis o essencial e o eterno, o pão e a bebida, o sopro e o sol. Animáveis nossos corações, dávamos-nos força. Deveríamos ter saltado, leves, o coração em festa, libertos para sempre de todo laço, de todo pesar, de qualquer outra esperança.

Permanecemos amedrontados à sombra de uma porta ou sob uma oliveira luminosa. Passáveis esmagado e coberto de insultos. Ah! meu Deus! Nesses momentos de dor e de salvação, não agarramos a Cruz, não beijamos vossas chagas nem vossos espinhos, não pusemos em fuga vossos algozes, não quebramos seus chicotes, não esmagamos suas injúrias. Não soubemos amar.

Na hora da entrega total, nossos corações estavam sem vida.

Meu Deus, estais ali, abandonado por todos, mudo e triste, os membros enrijecidos. Não houve ninguém, ninguém.

Apertamos contra nós a madeira da morte e deixamos, sem erguer a cabeça, que a derrota de nossos corações desabe a vossos pés…

Voltareis à luz, Senhor. Naquela hora, tende piedade das almas destruídas! Tende piedade das almas vazias!

Sofremos tanto por nos sentirmos tão mesquinhos e tão vis, tão cheios de nós mesmos, tão preocupados com nossos egoísmos, nossas ambições, nossas vaidades…

Nós vos deixamos sofrer, vimos vosso sangue correr, vossa cruz ser fincada, vosso rosto se apagar. Ousaremos algum dia encarar vossas chagas abertas e vossos olhos cansados?

Senhor, a hora está próxima, vossa luz irromperá de repente sobre a colina. Ainda assim, estaremos lá, envergonhados e tristes. Incendeiai nossos corações com vossa fulgurante doçura, dai-nos o calor e a pureza desse fogo divino de onde ireis irromper.

Estamos abatidos à entrada de vosso túmulo.

Senhor, fazei florescer em nossas almas vencidas a centelha da ressurreição!

XIV. Ter amado mal

No céu gelado, de um ouro pálido, estremecia uma cotovia. Em que pensava lá no alto?

Ela vibrava, soltava gritos estridentes, extasiada a cada instante, agarrando-se ao céu com um bater de asas que passava como um relâmpago.

Amava pelo simples prazer de amar, até o momento em que, exausta, desfeita de felicidade, caiu como uma pedra num sulco.

Assim a alma sobe como uma flecha.

Ela grita de amor. Só permanece suspensa na imensidão mística pelo prodígio das asas invisíveis que a sustentam.

Já nem sabe que pode cair, que o chão está sob ela; está ali, desprendida de tudo, vida estremecida, palpitante, como que aspirada!

A cotovia extasiada sobre a terra quente também deve sentir essa grande alegria do amor plenamente correspondido. A alma está ofegante. Mas todo esse amor ainda retorna em ondas ao ser exausto pelo esforço, pela entrega e pela alegria.

O grande drama do pecado, aquilo que faz sofrer tanto, é que, por causa dele, de agora em diante se dará menos, ou se dará mal, já não podendo oferecer senão restos, restos murchos, impregnados pelo odor de uma mácula indelével.

Pois amar é dar. E dar é dar tudo.

O castigo da queda é a dor de ter pisoteado o próprio amor, de ter reduzido as possibilidades futuras de amar bem.

Então se desejaria arrancar o próprio corpo, as mãos, os olhos, as forças que pulsaram dentro de si nas horas de fraqueza ou de abjeção.

Tarde demais: amou-se mal.

Gostaríamos de derramar todas as nossas lágrimas. Por mais que se faça, já não será possível recuperar o que foi desperdiçado. O dia da queda, apesar do arrependimento e do perdão, permanecerá como o buraco negro no qual bens indizíveis afundaram para sempre.

Depois, poderemos amar com todo o ardor que quisermos, mas não recriaremos a pureza perdida nem a mais bela parcela de amor que então foi aniquilada. Esse amor poderia ter vindo a se somar aos demais.

Aquilo que ainda se tentará oferecer quando surgir o Amor verdadeiro carregará, por mais que se faça, a terrível marca.

É por isso que ter profanado a própria entrega de si faz sofrer, até o fim da vida, o coração que sente nostalgia do Absoluto.

Gostaríamos de ser o próprio Deus para recuperar aquele dia ou aqueles tempos, devolver-lhes o frescor da aurora e guardá-los junto ao coração, com temor, até a noite…

Desde o primeiro deslize, sabemos que nunca mais amaremos tanto quanto teríamos podido amar. E é isso que torna o arrependimento tão dilacerante — porque não há solução humana.

Quando conhecemos essa dor do irreparável, gostaríamos de ultrapassar os limites do próprio coração, para que algumas estrelas de amor, arrancadas de nós no limite do possível, pudessem compensar aquilo que caiu nos pântanos e nas sombras.

Talvez seja isso o que traz o beijo da agonia: a paz, a paz que põe fim aos remorsos, ao desespero de ter amado mal, de ter amado pouco demais, ou de ter maculado e profanado o amor que, no entanto, havíamos sonhado, a princípio, oferecer com um coração vibrante e um corpo cheio de frescor, e que deixamos rolar na lama dos abismos…

Quarta parte – A alegria dos homens

XV. Fortes e duros

O sol se foi. Daqui a meia hora, será sombra.

Os pássaros pressentem isso e cantam desvairadamente nos jardins.

Há rosas por toda parte, tão saturadas de luz que parecem prestes a morrer.

O bosque já dorme ao redor de alguns telhados de telha.

E os pássaros continuam a lançar seus gritos agudos e suas súplicas, talvez pelos dois enamorados sentados ali adiante, sonhadores, com um imenso chapéu branco sobre os joelhos…

Quem ainda vive, além desses pássaros, desse cão que late nos confins do mundo e desses dois corações que batem diante da calma desta noite, carregada da vibração de junho?

Como acreditar no ódio? Será que os homens nunca contemplaram as últimas rosas se apagando no silêncio leve de uma tarde?

Daqui a pouco, será preciso arrancar-se desta vasta extensão de mar campestre.

Será preciso retomar, ao fim das trilhas, a estrada onde os carros rasgam o chão com um crepitar de chuva persistente.

Haverá luzes brutais, rostos vazios, olhos sem alma.

Esta paisagem do entardecer é tão nítida, entrega-se com tamanha plenitude! Essas rosas que morrem, esses maciços de árvores, essas aveias de ondulações cinzentas, esses pinheiros solenes são tão puros e tão simples que toda uma infância ressurge dentro de nós, junto dessa infância eterna das ervas, das árvores e das flores.

Agora já não se ouve nada. A noite alisa as rosas.

Os bosques recortam sua orla negra contra os últimos clarões. O último pássaro que cantava também para de vez em quando, como se quisesse escutar o silêncio. Os dois enamorados desapareceram, as mãos trêmulas, o vento leve nos cabelos.

Terei mesmo de me levantar.

Avançarei lentamente, sem perturbar os galhos e a vida imensa que se insinua por entre as sombras. Adivinharei o contorno das coisas. Sentirei já florescer na ponta das ervas o orvalho que amanhã refrescará o sol quando ele tiver alcançado o alto do bosque.

Onde está a noite dos corações de onde tornaria a brotar a manhã sensível?

Teremos de retomar nossas melancolias, reencontrar nossos passos de homem dos campos e dos bosques, perdido entre corações estéreis.

Quem compreenderá daqui a pouco, entre os clarões brutais, diante de nossos olhos trêmulos, que acabamos de deixar as florestas e os trigais, a sombra e o silêncio?…

Mas por que nos enternecer? No fim das trilhas, espreita-nos a vida cruel que tudo devora a dentadas de lobo.

Não olhemos mais para nada, não pensemos mais, não respiremos mais este ar carregado dos perfumes de uma morte passageira…

Apaguemos tudo. Deixemos a noite roer os corações.

Amanhã, quando o dia alcançar a copa das árvores, já não teremos diante de nós senão os horizontes fechados dos homens.

Teremos de ser fortes e duros, alegres em meio a tudo, iluminados pelo sol de nossas almas.

Entardecer que morre, mudo e tão certo da aurora, dá-nos a paz das luzes que renascem depois da imensa renovação das noites propícias…

XVI. O preço da vida

É preciso reafirmar sem cessar o valor da vida. Ela é o admirável instrumento colocado em nossas mãos para forjar nossas vontades, elevar nossas consciências, construir uma obra de razão e de coração.

A vida não é uma forma de tristeza, mas a alegria feita carne. Alegria de ser útil.

Alegria de dominar aquilo que poderia nos macular ou nos diminuir.

Alegria de agir e de se entregar.

Alegria de amar tudo o que vibra, espírito e matéria, porque tudo, sob o impulso de uma vida íntegra, eleva, torna mais leve, em vez de pesar.

É preciso amar a vida.

Às vezes, nas horas de cansaço e de repulsa, chegamos muito perto de duvidar dela.

É preciso recuperar o ânimo, reerguer-se.

Há homens vis demais? Mas, ao lado daqueles cuja baixeza é uma blasfêmia contra a vida, há todos aqueles que vemos, ou que não vemos, e que salvam o mundo e a honra de viver.

XVII. Despojamento

A felicidade “porque não se sabe” não é lisonjeira. É uma espécie de felicidade estritamente vegetativa.

A inteligência nada tem a ver com isso, nem o coração.

A verdadeira felicidade, a felicidade digna do homem, aquela que eleva, é a felicidade assegurada pelo espírito, aquela que nasce do despojamento da alma, da renúncia da alma, em plena consciência dos prazeres humanos, oferecidos ou negados pelas circunstâncias.

Feliz é aquele que não é escravo das circunstâncias, aquele que sabe tanto desfrutar dos prazeres exteriores quanto prescindir deles.

Enquanto se sofre com uma privação dessa ordem, enquanto se sofre comparando a própria condição material à dos outros, não se é feliz nem livre.

Manter o ânimo sereno, mesmo com uma espécie de desprendimento da alma quando o universo exterior já não passa de um imenso vazio, viver intensamente nessa “ausência material”, sentir-se então sem pesar, senhor de seus desejos, tendo-os submetido ao pleno domínio do espírito, marca a vitória do homem, a verdadeira, a única, diante da qual as conquistas perante as quais todos de antemão capitulam e estão dispostos a se rebaixar não passam de caricaturas de poder.

Toda comparação parece então risível diante da libertação proporcionada pelo domínio do espírito sobre os bens, as necessidades e as servidões.

Sentimos nossa alma livre das velhas correntes enferrujadas que nos prendiam a conformismos medíocres.

Apertamos em nossas mãos o Destino, o Destino claramente revelado em sua nudez libertadora.

A felicidade pode nascer em toda parte. Não está fora, está dentro de cada um de nós, com as mais amplas possibilidades.

XVIII. O poder da alegria

Há tantas coisas que nos fazem felizes!

Até mesmo sentir-se livre e forte diante dos próprios desejos é uma felicidade.

Só a alegria de viver já é imensamente poderosa! Alegria de ter um coração que irradia!

Alegria de ter um coração vigoroso, braços e pernas duros como árvores, pulmões que respiram a vida e o ar em grandes haustos!

Alegria de ter olhos que acolhem, em suas curvas de veludo, as cores e as formas!

Alegria de pensar, de passar horas traçando as grandes linhas retas da razão ou bordando sonhos!

Alegria de crer, alegria de amar, de se entregar, de avançar pela vida a grandes remadas, flexível como a água!

Como não ser feliz!

É tão simples, tão elementar, tão natural!

Mesmo em meio às piores calamidades, a felicidade sempre volta a jorrar como um gêiser sobre o qual em vão se acumulassem obstáculos.

A felicidade e a vida são a mesma coisa.

Deixar de ser feliz é duvidar do próprio corpo, do calor do próprio sangue, do fogo devorador do coração, dessas grandes luzes do espírito que banham todo o ser.

Até a infelicidade ainda nos traz as alegrias da alma que se entrega sangrando, que pondera seu sacrifício e lhe analisa a amargura.

Alegria cruel, mas alegria superior, alegria reservada ao homem cujo coração dilacerado compreende.

XIX. Sonhar, Pensar

As horas de sonho são horas de vida profunda, em que toda a poesia que flutua dentro de nós se reúne e corre como fogos-fátuos.

Então vem o sol.

As brumas nevadas tornam a descer, como se o rio as chamasse. Já não se vê senão a grande lâmina de água límpida. E a razão ordena, reúne

as descobertas dispersas, nascidas do sonho, e imprime nelas seu domínio ao unificá-las.

Alegria de descobrir, de comparar! Alegria de dar um sentido e uma direção! Alegria de compreender e de chegar às encostas ou aos cumes do verdadeiro, do belo e do útil!

O espírito abre as linhas nítidas dos paralelos e delas extrai as leis. O homem se sente, nesse momento, superior a todos os elementos, senhor desse universo desmedido onde, no entanto, cérebros não maiores que uma fruta ou um pássaro impõem a ordem e a harmonia.

Aquele que não sabe desfrutar das possibilidades de sonhar e de pensar, oferecidas ao homem a cada segundo, ignora a nobreza da vida.

Sempre podemos nos encantar, pois os sonhos são nossos violoncelos secretos.

Sempre podemos pensar, isto é, manter o espírito não apenas ocupado, mas vibrante, voltado para um domínio mais poderoso, mais exaltante do que o fogo de mil desejos.

Entediar-se é renunciar ao sonho e ao espírito.

O tédio é a doença das almas e dos cérebros vazios. A vida logo se torna, então, uma tarefa terrivelmente monótona.

O próprio amor só se exalta e se maravilha na medida em que o ser superior alimenta a poesia e fortalece os impulsos da sensibilidade.

É preciso também sonhar e pensar o próprio amor.

XX. A paciência

A paciência é a primeira das vitórias, a vitória sobre si mesmo, sobre os próprios nervos, sobre a própria suscetibilidade. Enquanto não a adquirimos, a vida não passa de uma sucessão de capitulações, capitulações ruidosas, é verdade, em meio a gritos que julgamos

manifestações de autoridade, mas que não passam de uma rendição ao orgulho.

Ser paciente é esperar a própria hora, com o dedo no gatilho, como quem espreita a presa; é construir cada ato do dia somente na ordem e no equilíbrio, como grandes blocos de pedra que sustentam o edifício.

A paciência traz a alegria de não ter cedido.

A impaciência deixa no coração a censura de ter se deixado arrastar e de ter criado ao redor de si uma agitação inútil e nociva.

XXI. A obediência

Nenhuma obra de grande alcance se realiza no egoísmo e no orgulho. Obedecer é uma alegria porque é uma forma de doação, de doação lúcida. Obedecer é fecundo, multiplica por dez o resultado dos esforços.

Obedecer é um dever, pois o bem comum depende da convergência disciplinada das energias.

A sociedade humana não é formada por um enxame de mosquitos obstinados e caprichosos, lançando-se ao vento conforme seus interesses e seu humor. É um grande organismo sensível que a anarquia torna estéril ou perigoso e ao qual a ordem e a harmonia oferecem possibilidades ilimitadas.

Um povo rico, formado por milhões de indivíduos, mas egoisticamente isolados, é um povo morto. Um povo pobre em que cada um reconhece com inteligência seus limites e suas obrigações para com a comunidade, obedece e trabalha em equipe, é um povo vivo.

A obediência é a forma mais elevada de exercer a liberdade.

Ela é uma manifestação constante de autoridade, da autoridade sobre si mesmo, a mais difícil de todas.

Ninguém é verdadeiramente capaz de dirigir os outros se antes não tiver sido capaz de dirigir a si mesmo, de domar em si o corcel orgulhoso que teria desejado lançar-se loucamente ao vento da aventura.

Depois de ter obedecido, pode-se comandar, não para desfrutar brutalmente do direito de esmagar os outros, mas porque o comando é uma magnífica prerrogativa quando visa disciplinar forças fogosas, conduzi-las à plenitude do rendimento, fonte suprema da alegria.

XXII. A bondade

Às vezes, uma palavra, uma só, um gesto afetuoso, um olhar cheio de amizade sincera podem salvar um homem à beira do abismo.

Com afeto e pelo exemplo, tudo é possível.

Gritar e esbravejar raramente levam ao cerne dos problemas.

É preciso ser bom, perceber o que se passa em meio à névoa de cada coração, amenizar a repreensão necessária com uma brincadeira amistosa que devolva a esperança, colocar-se sempre na pele do outro, na alma do outro, pensar em qual seria a própria reação se recebêssemos a observação, o incentivo, a repreensão, em vez de dirigir essas palavras a outra pessoa.

A maioria dos homens não passa de crianças grandes, cheias de vícios, mas que continuam sensíveis, voltadas para o afeto.

Não há trinta e seis caminhos para guiá-los, há apenas um: o do coração.

Os outros caminhos às vezes parecem mais fáceis de seguir, mas, no fim, não levam a lugar nenhum.

XXIII. Beata solitudo

Na maior parte do tempo, a companhia não passa de agitação, ruído, tumulto em torno da própria solidão.

Buscar incessantemente aquilo que se chama de animação é ter medo de se encontrar diante de si mesmo.

Na realidade, é fugir moralmente.

Como se pode confundir a alegria com o fato de estar continuamente em meio a uma multidão tumultuada?

Por que é preciso, a todo custo, ser engolido em meio a outros seres para se considerar feliz?

Nesse caso, só se entra em contato com a casca dos outros, desfrutam-se apenas suas atitudes artificiais ou superficiais.

Isso pode, evidentemente, proporcionar distração, um prazer passageiro, uma espécie de rajada de vento.

Mas que distância separa esse “prazer” sem profundidade da alegria profunda, essencial, da conversa consigo mesmo, da análise de seus pensamentos íntimos e de sua sensibilidade mais secreta!

Ali se vê tudo, vai-se até o fundo de tudo.

Negar a força, a amplitude dessa verdadeira alegria é negar a vida interior.

A solidão é, para a alma, uma magnífica oportunidade de conhecer-se, observar-se, formar-se. Só as cabeças vazias ou os corações inconstantes têm medo de permanecer, em silêncio, diante de si mesmos.

É em momentos assim que se vê se os sentimentos são sólidos ou se não passavam de ruído. Os sentimentos elevados podem viver sozinhos, sem presença física; ao contrário, o isolamento os purifica e engrandece.

A alegria, a alegria que se estende como um bloco de granito sob a água corrente da vida, aquela que jamais abandona nem decepciona, reside

na luta interior, na exaltação interior: observar-se, dominar-se, purificar-se, elevar-se, ter a coragem de pensar.

Pois é tão fácil ser preguiçoso ou covarde diante do trabalho espiritual!

Ter a energia de ampliar seus campos secretos! Amar intensamente, isto é, entregar-se silenciosamente, sem reservas!

Prefere-se esquecer ou negar que essas alegrias fundamentais existem, para se contentar com prazeres imediatos que julgamos superiores a tudo e depois dos quais, muitas vezes, nada nos resta senão poeira no coração e feridas nas asas.

Os místicos conheceram esse esforço constante da vida interior.

Eram eles menos felizes, tiveram menos alegria do que nós, que tagarelamos em meio a rostos nos quais não descobrimos senão aparências, alimentados por palavras que morrem com o eco?

A alegria dos místicos é apenas um exemplo.

Essa mesma alegria interior existe em outros estágios da espiritualidade e da sensibilidade.

A presença física não é sequer indispensável.

Pode-se perfeitamente amar, ser tomado pelas mais elevadas alegrias do coração mesmo à distância física e até na morte.

Enquanto não nos libertarmos de uma vez por todas dos elementos exteriores, enquanto não formos capazes de viver sozinhos, isto é, na companhia mais verdadeira, que nada perturba, ainda não teremos alcançado sequer o limiar da alegria.

Em vez de lamentar a solidão, é preciso abençoá-la, aproveitar essa possibilidade inesperada de examinar a si mesmo em silêncio e de dominar-se com lucidez, por inteiro, até em seus pensamentos mais contraditórios.

Portas fechadas para o mundo? Ruptura deliberada de contato com o exterior?

Tanto melhor!

Pois isso significa, se assim quisermos: portas abertas para a alma, contato preciso com o próprio eu; alegrias exaltantes do conhecimento, do florescimento espiritual e, misticamente, da entrega mais delicada e mais completa.

XXIV. Grandeza

Muitas vezes, é ao fazer com a maior nobreza mil pequenas coisas extenuantes que se revela a grandeza.

É infinitamente mais difícil empenhar a alma mil vezes por dia em tarefas ingratas e sem brilho do que agir com brilhantismo diante de um acontecimento marcante.

Nesse caso, o mérito é pequeno.

A própria grandeza da ocasião passageira nos dá forças para agir e desperta o desejo de impressionar, ao mesmo tempo que nos permite ter a mais elevada opinião de nós mesmos.

Pode-se realizar com perfeição algo grandioso e, ainda assim, estar longe da verdadeira grandeza.

A grandeza é a nobreza da alma que se consome, transbordando em entrega, no cumprimento de cada um de nossos deveres, sobretudo quando eles estão despojados de tudo o que poderia alimentar nossa vaidade cotidiana.

Para a mulher como para o homem.

Para uma mulher, a grandeza consiste, muitas vezes, em entregar-se, hora após hora, a deveres sem brilho, até mesmo prosaicos.

No entanto, quem a admirará?

Quem conhecerá os mil combates travados, no fundo de seu coração, contra a preguiça, o orgulho, as paixões sedutoras, a indolência que atrai a alma e o corpo para as areias quentes da vida fácil?

Aquela que, apesar de tudo isso, avança, resiste, progride, é grande, pois sua entrega foi total, sem precisar do chamado das miragens.

Tantas pessoas que têm tudo vivem se queixando, acham tudo desagradável, nunca sabem se alegrar verdadeiramente com nada!

Tudo lhes parece enfadonho porque nunca se entregam, porque encaram cada momento em que seria preciso dar um pouco de si com a firme intenção de oferecer apenas o indispensável e, ainda assim, com pesar.

Tudo é uma questão de entrega.

As pessoas felizes são aquelas que se entregam. As insatisfeitas são aquelas que estrangulam a própria existência num retraimento permanente, perguntando-se sem cessar o que vão perder.

Virtude, grandeza, felicidade, tudo gira em torno disso: entregar-se! Entregar-se por inteiro, o tempo todo. Fazer o que deve ser feito, com coragem, com o máximo de dedicação, mesmo que o dever não tenha nenhuma grandeza aparente.

Onde quer que estejamos, no alto ou embaixo, homem ou mulher, o problema é exatamente o mesmo: é a entrega que torna as almas luminosas ou sombrias.

Quinta parte – O serviço e seus homens (notas da frente russa)

XXV. A grande retirada

Morrer vinte anos mais cedo ou vinte anos mais tarde pouco importa.

O que importa é morrer bem.

Só então começa a vida.

Simples soldado, posso morrer amanhã. A humildade de minha condição na vida da frente de batalha me prepara melhor para um desfecho como esse. Não tendo vivido como santo, gostaria de morrer com uma alma ao menos razoavelmente digna.

Talvez minhas semanas estejam contadas? Por isso, é preciso multiplicar as oportunidades de se purificar. Antigamente, eu sonhava com uma longa doença para me preparar para a morte. Mas isso teria acontecido numa atmosfera de definhamento.

Aqui, essa preparação se oferece na força, no pleno desenvolvimento da vontade. Dou-me conta da sorte que tenho.

Mas talvez eu volte vivo, mais vivo do que nunca?

De qualquer modo, esta grande retirada, que terminará com a vida ou com a morte, terá sido uma bênção. Desfruto dela livremente, plenamente, como de um sol magnífico e vivificante.

Por que eu tremeria sob seus fogos?…

O soldado aprende a ser grande em meio às coisas mais banais ou mais penosas. O heroísmo consiste em resistir, lutar, estar sempre alerta, alegre e forte, na miséria anônima e sem história da frente de batalha, na lama, nos excrementos, nos cadáveres, nos nevoeiros de água e neve, nos campos intermináveis e sem cor, na ausência total de alegria exterior.

A cada dia nos afastamos um pouco mais dos mundos de outrora.

Não somos já meio mortos, avançando por entre as brumas, com os dentes cerrados?

É preciso olhar sempre para aqueles que têm menos do que nós e alegrar-se com o que se tem, sem encher a mente de quimeras vacilantes.

A vida é sempre bela quando a contemplamos com olhos serenos, reflexo de uma alma em paz. Soldados, não temos nada e somos felizes.

É preciso primeiro se despojar de todo o peso das servidões para enfim encontrar a alegria que só floresce nas almas nuas.

A guerra não é apenas o combate. É sobretudo uma longa sucessão, às vezes extenuante, às vezes desgastante, de renúncias silenciosas, de sacrifícios cotidianos, sem nenhum brilho.

Em toda parte, a virtude se forja da mesma maneira.

As privações, a espera humilde e ingrata diante da morte, o serviço em que, longe de qualquer brilho, se arrisca a vida em campos e bosques desconhecidos, a estagnação à margem de toda alegria humana: essa é a verdadeira guerra, aquela travada por milhões de homens que jamais conhecerão a glória ruidosa e que — se não morrerem — voltarão para casa de semblante fechado e lábios cerrados, pois ninguém compreenderia todos os dilaceramentos e renúncias que houve em seu heroísmo obscuro.

A multidão só se deixa impressionar pelo heroísmo quando ele é brilhante e ruidoso. O que impressiona o público é o esplendor, e não a penosa e lenta ascensão das almas que, no silêncio e na sombra, alcançam a grandeza.

Mas será que algum dia somos realmente compreendidos? Será que percebem, veem em nós algo além do superficial?

O fundo dos corações é um abismo tão profundo de desejos, renúncias e tristezas que se prefere não penetrá-lo. É mais simples, mais agradável ficar apenas na aparência das coisas e, sem pensar demais, desfrutar das palavras e atitudes que tecem o biombo do drama humano.

Nós, soldados, estamos atrás desse biombo. Que almas imaginarão os caminhos que percorremos, terão força para se unir a nós espiritualmente?

O zelo, até mesmo a inteligência, não bastam para tudo.

Há uma cultura, um equilíbrio do espírito, uma sabedoria luminosa do pensamento, que só podem resultar de uma longa disciplina das faculdades superiores, colocadas com dedicação e método em contato com as obras mais despojadas da inteligência humana.

O estudo desinteressado das civilizações antigas, mães das ideias e dos sistemas, o estudo da Filosofia, o estudo da Matemática, trama secreta de todas as Artes, o estudo comparado das lições da História, são os únicos capazes de proporcionar a plena harmonia das faculdades, sem a qual até as realizações mais brilhantes conservam sempre algo de miraculoso e frágil.

A maturidade intelectual nada tem de incompatível com o gênio. Ela o torna preciso e humano. E o canaliza. Sua força não sai diminuída, mas se torna mais útil. Richelieu não teria proporcionado à França nem metade dos benefícios de seu gênio se tivesse sido um autodidata.

A fraqueza de nosso século está em ser o século dos autodidatas. Sua obra tem um caráter desordenado, desumano, instável. O verdadeiro gênio é equilibrado, ao menos o gênio benéfico, aquele que traz felicidade, progresso e ordem.

O gênio instintivo maravilha, deslumbra, mas geralmente custa caro. A noite parece ainda mais escura depois de absorver o brilho dos fogos de artifício.

O banal e o vulgar estão próximos do grandioso e do eterno.

Há pouco, vi matarem um porco. Ele se agarrava à vida, coitado. Quase exangue, ainda soluçava e gemia. Animais e homens, diante da morte, somos iguais. É preciso vigiar-se com rigor para forjar uma coragem que nos liberte dos apelos do animal acuado nas horas em que está em jogo nossa honra de homens.

Soldados, arriscamos a pele sem cessar, isto é, nossa simples alegria de existir.

A morte está diante de nós. A morte está por toda parte. E é sem dúvida por isso que compreendemos melhor do que outros a grandeza da vida.

Se a alma não se elevasse, reta como o cano dos fuzis, reta como a cruz das sepulturas, logo mergulharíamos na decomposição moral.

Tudo se limita a um bosque, a campos, a pântanos, a árvores desfolhadas, junto das quais se fica à espreita, de dia e de noite, soprando os dedos, esfregando as orelhas, batendo os pés no chão que ficou seco como granito, depois de ter sido um mar de lama em que se atolava.

À noite, já a partir das quatro, vem a escuridão, na qual, sozinho, o espírito permanece desperto. É preciso apertar os laços que contêm o coração para não se deixar levar pelas lágrimas diante de tamanho abismo. A alma se vê diante de um abandono total.

E, no entanto, ela se orgulha e canta, pois, despojada como nos dias da inocência, tem consciência da gravidade da missão confiada àqueles que resgatarão, nos abismos da solidão interior, as covardias e as sujeiras de um tempo em que as almas giravam em falso.

Aqui, as asas tornam a bater, sacodem a lama seca que as sujava. Reencontram a alegria original do ar puro, do espaço aberto, dos horizontes distantes.

Se aqui tivermos sofrido de maneira proveitosa, teremos conquistado nossa verdadeira vitória. Mas saberemos sofrer com pureza até o fim?

Não nos sentiremos ridículos, com nossas asas de sol, quando voltarmos?

Teremos a coragem de não nos envergonhar ao ouvir então os incontáveis escárnios das almas maculadas que, insolentemente, se julgam triunfantes?

XXVI. Domar as éguas

As pulgas invadiram em fileiras cerradas nossos uniformes cobertos de terra. Camundongos correm de um lado para outro. Um rato se aquece junto ao meu nariz nas horas de sono.

Essas companhias nos ensinam muito sobre a vaidade de nosso orgulho, a nós que nem sequer conseguimos escapar dos menores animais, os mais ridículos e os mais sujos.

Mas a poesia está por toda parte. Diante de nossos fuzis, milhares de passarinhos saltitam nas sebes, fazendo seus ventres redondos dançarem graciosamente. A um metro de distância, escutam as pequenas gentilezas que tentamos lhes murmurar. Depois se instalam em bandos enlouquecidos entre os juncos, gritam, piam, assobiam, como se o céu de prata lançasse punhados de alegria luminosa sobre a paisagem congelada.

Há também corvos que passam, relâmpagos negros, poucos e silenciosos: de tempos em tempos soltam seu grande grito rouco, sem dúvida para lembrar que a morte nos espreita, áspera como eles, voraz como eles, de asa escura e cortante.

Esforçamo-nos para sorrir sempre, para os passarinhos que cantam, para os corvos solenes que passam.

Mas o coração é o coração; e guarda, por trás do sorriso dos lábios e dos olhos, seus pobres segredos desajeitados de animal que sofre.

Sentimo-nos espreitados pela morte por todos os lados. Cada passo custa, passo pesado que é preciso tornar leve, apesar da metralhadora que pesa, dos pés que tropeçam, das plantações apodrecidas que estalam, dos grandes buracos nos quais se cai sem dizer uma palavra.

Eis a vida ingrata das armas, aquela que não conhece nem euforia nem espectadores, aquela em que, a qualquer momento, podemos ser apunhalados, abatidos, arrastados vivos para o lado inimigo. É preciso avançar calmamente, metro a metro, enquanto os tiros podem irromper de repente a dez passos de distância. Alguns disparos no escuro, entre os

postos; um grito rouco; e a noite voltaria a se fechar sobre tudo, gelada, implacável. Todas as forças da vida gostariam de se insurgir nesses momentos. Pois nos apegamos à vida, aos nossos membros, ao sangue que pulsa vigorosamente em nosso corpo; apegamo-nos a seres de carne; apegamo-nos à luz que há de renascer. O vigor, o calor, o rugido da fera humana proclamam sua vontade de se expandir, de arder, de ressoar.

Manter a vida assim contida, subjugada, oferecida na sombra, pronta para o último salto ou para o último estertor, é uma terrível escola de energia. Voltaremos com a vontade retesada.

Mas o gosto pela vida será ainda mais intenso, pois teremos conhecido profundamente o preço, o sabor, a doçura ardente de cada segundo, caindo como uma gota de silêncio nessa grande tensão dos corações atentos.

Amamos, com uma força desmedida, nossa existência carnal, o ritmo de nossos pensamentos, o ímpeto de nossos sentidos, que um disparo seco na noite poderia destruir.

Nossos braços! Nossas pernas! Nossos olhos! Para abraçar, transpor, olhar com paixão e domínio! Tudo isso clama por seu direito à vida, o direito do animal que quer correr e agarrar, o direito da inteligência que quer se maravilhar e criar.

A vida! Como é bela, indescritivelmente bela, exaltante, doçura dos corpos, luz do meio-dia, ardor do fogo!

Esta vida, nós a mantemos cerrada em nossos punhos decididos de soldados mudos, atentos, pacientes, à espreita nas sombras.

Aprendemos a nos domar, a domar as éguas selvagens que relinchavam nos vastos campos de nossos sonhos.

Mas, mantendo-as sob o domínio de uma mão de ferro, aspiramos, com um prazer que nos faz fechar os olhos, o forte odor de vida que se eleva da parelha fremente. Vida! Vida!

Faz tanto frio que os medicamentos chegam a estourar. Até o álcool congelou nos frascos da ambulância. Pobres pés, pobres orelhas, pobres

narizes embranquecidos e depois mumificados nas noites atrozes, uivantes, sibilantes…

Esta manhã, chegou a ordem de partida para outro setor de combate.

Iremos para onde nos mandarem, sorrindo na neve que, desde que acordamos, cai em grandes flocos lentos.

Nossos pés ficarão regelados, nossos lábios ficarão rachados, nossos corpos, curvados para sentir menos frio, estarão pesados e desajeitados, mas o fogo interior continuará a crescer e dará aos nossos olhos lampejos de sol.

Aqui nossas almas se retesaram. Estas colinas, estas fileiras de pinheiros, estes montes de feno apodrecido nos viram, com os olhos brilhantes, vigiando cada linha.

Este céu negro que contemplo aqui pela última vez, eu o risquei com minhas balas traçantes, enquanto as balas inimigas soltavam seus gritos agudos de gatos que saltam.

Minha mochila já está pronta. Contemplo a palha pisoteada, quebrada em pequenos pedaços, onde eu descansava ao voltar, cansado e regelado, das patrulhas noturnas. A pequena lamparina fumegante ilumina com sua chama amarela minha última anotação do dia. Numa corda ainda pendem algumas camisas, alguns lenços lavados como foi possível, já cobertos de poeira. Pobres paredes de barro, forno que aquecíamos com restos de divisórias, pequenos vidros congelados, cobertos de desenhos brancos de samambaias…

Recolhemos nossas marmitas amassadas, nossos cantis felpudos, nossas armas de reflexos negros.

Mais tarde, sem dúvida haverá novamente aqui plantas suculentas, ícones, uma mulher de anáguas grossas, um cheiro acre de gordura vegetal.

Mas terá desaparecido para sempre a vida humilde e fervilhante dos jovens estrangeiros, perdidos no fundo da estepe, que, ao partirem à noite, nunca sabiam se voltariam tendo de conter com as próprias mãos a carne dilacerada e o sangue morno…

Este miserável quadrado de penumbra terá sido o centro de uma intensa vida espiritual. Ela partirá conosco, renascerá ao acaso das estradas congeladas, dos abrigos improvisados, dos taludes, das valas onde terá sido preciso ficar à espreita, perseguir o adversário ou esquivar-se de seus golpes.

Poderemos voltar aqui um dia: o essencial terá desaparecido.

É por isso que partiremos ao amanhecer sem olhar para trás. A vida está adiante, mesmo que a vida seja a morte.

Bah! Quanto maior o sacrifício, mais nos entregamos.

E foi para nos entregarmos que nos erguemos, de coração radiante.

XXVII. O ciclo apocalíptico

O vento sopra em rajadas cortantes, fazendo a neve sibilar como pequenos dardos. O rio está congelado; congelados, seus pequenos afluentes que corriam pelas fendas; congeladas, as colinas, os cardos dos taludes, as fábricas em ruínas.

Meu próprio coração também esfriou, frio depois desses meses de tensão da alma, de recolhimento numa solidão desumana; frio por se sentir semelhante a essas árvores negras que não se movem e que a ventania açoita.

Aflição em tudo…

Todos estão regelados. Temos de quebrar o pão frio. Com a faca, retiramos de nossas roupas as enormes placas de lama. Cortamos grossas camadas de uma massa enegrecida em torno dos sapatos e das polainas.

Não há água. É preciso andar três quilômetros para buscar um líquido marrom, cheio de restos de capim. Amemos, ainda assim, nossa miséria, pois ela nos eleva, nos prepara para destinos que exigem corações puros e fortes.

Quando, como terminará esse prodigioso acerto de contas?

Nossas vidas serão por muito tempo atravessadas por esses relâmpagos. Nossos filhos crescerão em meio aos clarões ofuscantes das ideias-armas que tombam ou triunfam.

Século em que, às vezes, o sangue gela diante da dimensão do drama. Mas século comovente, em que o universo inteiro se refaz, ainda mais pelo espírito do que pelo ferro.

Tragédia como o mundo jamais conheceu outra tão completa, da qual todos nós somos atores, mas em que são os corações que atuam. Milhões de corações estão em cena, ainda ingênuos, ou amadurecidos e silenciosos, ou maculados, ou desarticulados.

Depois de percorrer cem metros entre as linhas enlameadas, volta-se exausto, como se tivesse sido preciso atravessar um lago de cola espessa.

Nada a fazer. Nada para ler. Temos apenas uma miserável lamparina a querosene, com uma pequena chama amarelada que ilumina um metro quadrado de nosso abrigo.

É preciso mais coragem para viver assim, entrincheirados na lama, do que para avançar contra o inimigo com a metralhadora debaixo do braço. Sente-se crescer a tentação, as vozes surdas, as perguntas desmoralizantes: “O que você está fazendo aqui? Não vê que está perdendo seu tempo? Seus esforços? Seus sacrifícios? Será que ainda sabem que você existe? Não estarão arruinando sua obra enquanto você apodrece no esquecimento…?”

Mas a alma logo recupera a serenidade; sabe que nada é mais precioso do que essa renúncia, essa descida silenciosa ao fundo da consciência. A verdadeira vitória, a vitória sobre si mesmo, poderia ser conquistada de modo melhor do que em meio a essas humilhações recebidas de cabeça erguida, dominando, sem nenhum gesto inútil, a matéria hostil, o abandono do coração e o inimigo traiçoeiro que gostaria de assaltar o espírito?

XXVIII. Luzes

A guerra, para nós, soldados, são pobres companheiros de rostos quase esverdeados que enterramos na terra congelada, mas é também, e na maioria das vezes, o sofrimento obscuro, sem nenhum aparato; é a lama, é a neve, é a comida grosseira, são os pés dilacerados pelas marchas intermináveis, são as cem pequenas misérias um tanto vergonhosas que cercam a vida do soldado na frente de batalha como uma névoa pegajosa e triste.

Essa vida sufocante exige sem cessar um esforço de energia, o impulso da alma que precisa arrancar-se das brumas para voltar a irradiar.

Mas essa vida nada tem a ver com as ideias brilhantes que o público faz das façanhas de guerra. Não convém desfazer sua ilusão. Estragaríamos a bela imagem de cores vivas que ele guarda.

No entanto, vivo essa vida até o limite, dia após dia, com uma alegria um pouco triste, mas intensa, pois ela é uma incomparável lição de paciência, de mortificação, de elevação.

Não tentemos burlar a provação nem abafar sua voz. Se sua lição fosse inútil, se nossas almas não voltassem transfiguradas por ela, haveria um muro entre aqueles que tiveram medo da provação e aqueles que encararam de frente os dias graves que hoje nos permitem nos engrandecer.

A vida distribui em série suas rasteiras. Eu havia escapado dela, como tantos outros, com o coração cansado, inquieto, corroído. Só quero voltar a ela em paz, tendo reencontrado a inocência na confiança.

É Natal. Contemplo a neve que cai sem cessar e, apesar de sua leveza, sinto que sufoco.

Passam soldados, curvados, andando depressa.

Ao meu redor, nada; sempre o vento soprando, um homem roendo as unhas, outros que se deixam cair, exaustos pelas noites de vigília.

Jesus poderia ter nascido em nosso abrigo.

Inocência dos bons animais do Presépio, que faziam tudo o que podiam…

Inocência do coração dos pastores, que não duvidaram por um segundo, não fizeram cálculos e, naquele mesmo instante, trouxeram tudo…

Eles só tinham ovelhas, e davam suas ovelhas.

Quem, ao se lembrar deles, não recobraria a coragem? O que importa não é o que se dá, ovelhas ou milhões, mas o fervor do coração que anima a oferta.

Às vezes, a vida me parece extenuante demais para carregar, dolorosa até de pensar. Hoje é quase uma angústia.

Esquecer que temos sensibilidade, uma alma que grita! Quem nos ajudaria a esquecer?

Passamos o dia matando dezenas de piolhos enormes, empanturrados, que nos devoram. É só isso. E a alma deve permanecer elevada, altiva, inabalável.

E permanece.

Mas, bem no fundo, grandes vozes abafadas gemem.

Não somos homens feitos de maneira diferente dos outros. Nós também gostaríamos, quando damos ouvidos apenas aos apelos da vida lá fora, de deixar deslizar entre os dedos um dinheiro ganho sem eras. Eu bom, cujos corpos ardem, cujos olhos têm o brilho mesclado do desejo e do prazer.

A fera humana, a juventude, a necessidade de domar se insurgem nessa hora: não estás desperdiçando teus anos de vida radiante? Espreitado pela morte a cada hora, não sentes arrependimento, vontade de quebrar tudo e sair correndo, de te lançar ao prazer, aos rostos luminosos, aos belos corpos lisos que os rapazes da tua idade conhecem em teu lugar?…

Há momentos em que é preciso refrear as paixões para alimentar a alma e a fé, à custa desses desejos tão humanos que brilham diante dos nossos olhos como uma miragem.

Montamos guarda em nossos parapeitos gelados, com um quê de amargura no coração, mas ainda assim profundamente felizes com o sacrifício renovado a cada dia, sem sequer saber se algum dia seremos compreendidos.

Fim de ano. Passo em revista a fila dos dias que morrem. Ano com seus segredos e suas luzes…

Os segredos que se escondem por trás de um sorriso, mas que muitas vezes sangram, como feridas que nunca se fecharam…

E depois, as luzes.

Há as luzes que os olhos dos homens viram. São as menos belas. É aquele gesto teatral diante dos outros, mesmo quando se assume um ar modesto. É tão difícil conservar um coração verdadeiramente ingênuo e não ficar satisfeito demais consigo mesmo…

Essas luzes, essas luzes imperfeitas, são aquelas de que se lembrarão lá fora. Que seja. Mas essas luzes ferem os olhos. Ficamos cegos quando as deixamos. E tantas vezes, dessas luzes cruas, voltamos a mergulhar nas sombras da banalidade cotidiana ou dos reveses!

Lembro-me dessas luzes. Gosto delas na medida em que iluminaram de repente o ideal em direção ao qual caminho.

Eu só deveria amar essas luzes por esse motivo. Mas sei muito bem que me deixo levar pela satisfação que sinto comigo mesmo. No fim das contas, essas luzes, necessárias à ação, me entristecem, pois mostram que, a cada vez, acabo mordendo, um pouco ou muito, o anzol da vaidade ou do orgulho.

E há também as outras luzes, aquelas que ninguém percebe de fora. Elas iluminam nossa alma com raios X. É então que sabemos exatamente o que valemos. E já não temos tanto orgulho de nós mesmos. Vemos com

toda a crueza cada uma de nossas fraquezas e só encontramos desculpas ruins para uma centena de faltas, sempre as mesmas.

Mas é justamente por conhecermos bem demais nossa própria mediocridade que sentimos alegrias inebriantes quando as luzes que nascem do calor da alma acabam iluminando uma obra que revela algum esforço. Ainda não é grande coisa, mas nasceu depois de tantas covardias secretas que esse primeiro sorriso interior nos mergulha em arrebatamentos indescritíveis.

XXIX. Intransigência

Quem pensou em nós, os perdidos das estepes, que, no Ano-Novo, não tínhamos para beber senão neve derretida, riscada por pedaços de capim amarelado, ou um pouco de café artificial que cheirava a sabão?

Detalhes miseráveis, detalhes humilhantes, detalhes cuja evocação parece até deslocada: quem conseguiria imaginar o que representa, para centenas de nós, sob um frio desses, a menor imposição de ordem física, por exemplo, a miserável, a inevitável disenteria?

Nenhuma instalação sanitária. É preciso, quinze, vinte vezes, no espaço de poucas horas, correr para a neve, deixar o corpo ser cortado por um vento gelado, afiado como uma lâmina, cortante como um chicote.

Vaidade de nossos corpos, dos quais, em certos momentos, tanto nos orgulhávamos!

A bela fera humana, flexível, ardente, tem de se submeter a essas humilhações! Ela se revolta, mas precisa ceder.

Corpo, que tão satisfeito estavas com tua vida ritmada! Foste acariciado, beijado, estreitado com fervor: e agora se obstinam em fazer com que sintas vergonha de ti mesmo!

No entanto, nada pode atingir o espírito dominador. Se o corpo é humilhado, é porque a vontade o conduziu por essas neves assobiantes, até

o fundo desses abrigos sórdidos. Ontem, eram os piolhos. Hoje, o frio se agarra à nossa pele e a suga. É porque ainda assim o quisemos.

Da natureza hostil, feroz, flagelante, nós zombamos. Um dia, o vento cruel se extinguirá no primeiro deslumbramento da folhagem. Nossos corpos, entregues às águas dos rios, ao sol e aos ventos, sentirão a vida pulsar mais intensamente do que nunca em torno de seus ossos, robustos como metal, sob a carne viva como a carne das flores, dura e fresca como o mármore, mas dourada, plena, vibrante! Por termos sofrido e triunfado, abriremos ainda mais os braços.

E nossos corpos lisos, poderosos e rudes terão a seiva das grandes árvores virgens! Nossas vontades trarão de volta a bela fera humana, fremente de vida, mas domada.

Por mais que toda a estepe, arrebatada pela tormenta, crepitasse, assobiasse e se erguesse em ondas gigantescas.

Apesar do frio que nos queimava, apesar das rajadas de granizo que nos crivavam o rosto, enfrentei cem vezes a tormenta para encher os olhos dessa grandeza. Sentia-me arrebatado pelas rajadas, comungava com essa força épica em que a planície branca, o céu e o vento misturavam sua força, seus ímpetos, suas chamas geladas, seus longos gritos que vinham do horizonte e continuavam a uivar no extremo da planície fremente.

Que forças são essas que, em momentos assim, se erguem dentro de nós ao contato com os grandes desencadeamentos da natureza? Sinto-me então transportado, uma imensa bem-aventurança toma todo o meu corpo, como se correspondências fabulosas se estabelecessem entre meu sangue que corre e o vento que sopra, entre a vida que ferve em meus membros e a vida desvairada lançada através do espaço pelo sopro do gigante do céu.

Não há um só de nós, soldados, que não deva estar pronto para os desfechos mais terríveis. Mas será que temos a medida do que isso exige?

A morte na humilhação não seria uma forma de se doar ainda mais? O sacrifício não se calcula, não admite reservas.

Dá-se ouvidos muito mais depressa aos farsantes do que à mensagem dos corações íntegros. No entanto, os corações puros vencerão. Somente os idealistas mudarão o mundo.

Escrevo junto a um barril enferrujado, no fundo do qual flutuam os últimos restos de vegetação em nossa água gelada. Essa pobreza, esse isolamento, nós os conhecemos porque quisemos ser sinceros. E, mais do que nunca, nesta solidão em que corpos e corações se sentem invadidos por um frio mortal, renovo meus juramentos de intransigência.

Mais do que nunca, seguirei em frente, sem ceder em nada, sem fazer concessões, duro com minha alma, duro com meus desejos, duro com minha juventude. Preferiria dez anos de frio e abandono a um dia sentir minha alma esvaziada, fria de seus sonhos mortos.

Escrevo sem tremer estas palavras que, no entanto, me fazem sofrer. Na hora da ruína de um mundo, são necessárias almas ásperas e altivas como rochedos contra os quais as ondas enfurecidas se quebrarão em vão.

XXX. A cruz

Quando será a nossa vez?

A morte passa indiferente, e suas mãos estrangulam os corações ao acaso. A metralha vem, desliza, se fragmenta ou atravessa um corpo jovem com seus longos dedos vermelhos.

O que fazer, senão conservar o coração puro, o olhar sereno pelo sacrifício feito a tempo e livremente?

Se ela vier, nossos cílios não tremerão, e partiremos com o leve e triste sorriso das ternas lembranças que bordejam os últimos segundos.

Se voltarmos, mesmo que a tepidez da vida nos tenha feito esquecer esse sopro gelado, nossos corações conservarão para sempre o equilíbrio de quem não tremeu diante da morte.

Que o destino nos encontre sempre fortes e dignos!

Ainda assim, é preciso amar a felicidade, como se ama o canto do vento, por mais fugaz que seja, como se amam as cores do entardecer, mesmo sabendo que elas vão morrer.

Pois os grandes ventos renascem e voltam a cantar e, a cada dia, as cores tornam a subir pelo mastro flamejante do sol ressuscitado.

Cabe a nós não deixar que os ventos se apaguem nem que o sol definhe sem captar suas forças.

A alegria é o fogo dos corações indomáveis, cujas cores ardentes nenhum revés apaga nem sufoca.

Quando vires o mar recuar sobre as areias, voltar para as sombrias profundezas do alto-mar, pensa na grande arremetida que retornará algumas horas depois, branca, cintilante ao sol, audaciosa e forte, como se aquelas ondas fossem as primeiras a investir contra o mundo!

Ser feliz é lançar-se adiante.

A felicidade é isso: dar tudo de si.

Há na terra tantas coisas medíocres, baixas ou feias que acabaríamos um dia submersos por elas se não carregássemos dentro de nós o fogo que queima o que é feio, o consome e nos purifica.

A arte é nossa salvação interior, nosso jardim secreto que sem cessar nos refresca e nos perfuma. Poesia, pintura, escultura, música, qualquer coisa, contanto que nos permita escapar do banal, elevar-nos acima da poeira que resseca, criar o grandioso em vez de nos submetermos ao pequeno, fazer irromper essa centelha de extraordinário que cada um de nós possui e convertê-la num incêndio grandioso, devorador, inextinguível.

Os séculos mortos e sombrios são aqueles em que as almas hesitaram diante desse esforço. Os séculos luminosos são aqueles que viram esses grandes fogos da alma pontuar e dominar as montanhas espirituais.

As únicas alegrias verdadeiras não são aquelas que os outros nos dão, mas as que carregamos dentro de nós, que nossa fé cria e nosso próprio impulso alimenta.

O resto vem e vai como a espuma do mar, brilhante na crista das ondas, ainda estremecendo por um instante à beira da areia, para logo morrer ou recuar com as águas.

Assim é a felicidade que, de tempos em tempos, os outros nos proporcionam.

A alegria que nasce de nossa paixão pela vida e de nossa vontade é semelhante à grande força que ruge e se agita nas profundezas dos mares, que irrompe ao encontro do sol e se renova a cada segundo.

É preciso, agarrado a um barco, contemplar o mar poderoso lançando suas ondas como imensas peles de leopardo, espraiando-se, flexível e reluzente, erguendo-se como um fogo de prata ou como um prodigioso feixe de flores brancas! Sem cessar, essa vida retorna, ressurge; sabemos que nada, até o fim do mundo, deterá esse impulso!

Assim devem ser nossos corações, impetuosos, mas semelhantes a essa maravilhosa força ritmada, ordenada, cadenciada como um canto eterno.

Durante o dia, somos arrastados por preocupações mesquinhas, muitas vezes banais.

Mas, à noite, a imaginação tece seus sonhos, nos leva por suas fantasias, suas reconstituições ou suas antecipações.

Às vezes fico espantado com a lucidez implacável dos sonhos.

É verdade que o sonho muitas vezes é um foguete desvairado, uma fantasmagoria. Mas, para mim, também é muitas vezes um encontro com minha consciência e com minhas primeiras intuições.

Nele me vejo tal como sou, ao natural, quando minha vontade não está ali para conter minhas paixões com seus quatro freios.

Sei então exatamente quais são meus pontos frágeis. A cada vez, preciso dizer a mim mesmo: veja, estavas fraquejando.

Tenho assim a prova quase diária de que só consigo resistir a mil apelos e conduzir minha vida com honra na medida em que um esforço

renovado doma e refreia, a cada dia, no fundo de mim mesmo, uma égua que os hábitos não mudam e que somente o chicote da vontade, manejado sem cessar, consegue conter.

Se ela afrouxasse, tudo debandaria. O sonho me mostra isso. A vontade adormece? Acordo vencido, o sonho me levara à deriva.

Não há, para mim, exame de consciência mais decisivo do que o desenrolar dos sonhos. Eles me mostram minha alma a nu, e saio deles com uma impressão nada edificante de mim mesmo, sabendo sobretudo que é preciso permanecer em guarda a cada instante, pois o fundo de nosso ser não capitula, não tende naturalmente à virtude; ao contrário, afasta-se dela assim que as miragens abrem seus campos de ouro.

A alma, libertada pela entrega que fez de si mesma, voa, se lança e canta. Porque ouvimos dentro de nós esses grandes cantos de serenidade, sabemos que a obra a ser criada será bela. Pois o grandioso e o belo só podem ser criados na alegria e na fé.

Se amamos a virtude apenas na medida em que ela é notada, nós a maculamos com o orgulho. Deixamos de ser virtuosos no instante em que desejamos que a virtude que julgamos ter alcançado seja vista e admirada.

Assim acontece com todas as virtudes. Elas são belas, suaves, luminosas, se as amamos por si mesmas, se as cultivamos pelo simples prazer de tê-las alcançado.

Seguimos pela vida sem sequer pensar que alguém possa não nos compreender. Os corações sem complicações não imaginam as complicações dos outros. Os corações puros não imaginam que outros corações possam ser odiosos ou maculados.

O sofrimento é a mais maravilhosa das companheiras, comovente e angelical, lavando as almas de todo desejo, elevando-as aos cumes com que por tanto tempo haviam sonhado.

As derrotas, as vitórias, os sonhos ou os sucessos materiais passam, caem no esquecimento, fogos que brilham por um instante, fumaças que se dissipam assim que o vento sopra.

Mas o essencial, o único, é, para nós, o grande incêndio espiritual sem o qual o mundo nada é. Um pouco de fogo em algum canto do mundo, e todos os milagres de grandeza continuam possíveis.

Tudo, na vida, é uma questão de fé e tenacidade. A confiança não se mendiga, conquista-se. E a melhor maneira de conquistar é, antes de tudo, entregar-se.

Todos carregamos nossa cruz: é preciso carregá-la com um sorriso orgulhoso, para que saibam que somos mais fortes que o sofrimento e também para que aqueles que nos ferem compreendam que suas flechas nos atingem em vão.

Que importa sofrer, se tivemos na vida algumas horas imortais. Ao menos, vivemos!

Sexta parte – Entrega total

XXXI. A reconquista

A impunidade, a paixão pelo dinheiro que varre convenções, dignidade, respeito por si mesmo, a amoralidade.

As turbulências que agitam a opinião pública, as guerras que convulsionam as nações, não passam de episódios.

As reformas parciais nada mudarão nessa sucessão de acidentes.

Mudar os homens seria uma obra bastante decepcionante se não viesse acompanhada de um trabalho essencial no fundo das almas, de uma transformação das próprias bases de nosso tempo.

Todos os escândalos, a degradação da honestidade e da honra, a desfaçatez numa certeza tornada inconsciente, revelam o mal profundo que exige remédios de igual alcance.

Não é de repente que se começa a mentir, a infringir todas as leis morais, sobrenaturais ou naturais e, mais simplesmente, as leis do código. Não é de um dia para o outro que se chega a desafiar hipocritamente, a falar apenas com reticências, a mentir com palavras virtuosas.

Essa deformação das consciências que hoje espanta, assusta ou assume ares de superioridade sarcástica não passa da consequência de uma longa decadência das virtudes humanas.

Foi a paixão pela riqueza, a vontade de alcançar o poder a qualquer preço, a obsessão pelas honrarias, o materialismo, a satisfação sem escrúpulos dos instintos que corromperam os homens e, por meio deles, as instituições.

O mundo se preocupa cada vez mais com prazeres banais, materiais ou simplesmente animais. Fecha-se cada vez mais em si mesmo, procurando conservar ou obter o máximo possível. Cada um vive para si e deixa que sua vida, no lar e no seio do país, seja dominada por um

egoísmo constante que transformou os homens em lobos odiosos, amargurados e gananciosos, ou em restos humanos corrompidos.

Só sairemos dessa decadência por meio de uma imensa regeneração moral, reaprendendo a ensinar aos homens a amar, a se sacrificar, a viver, a lutar e a morrer por um ideal superior.

Num século em que se vive apenas para si, será preciso que centenas, milhares de homens deixem de viver para si mesmos e passem a viver por um ideal coletivo, aceitando de antemão, por ele, todos os sacrifícios, todas as humilhações, todos os heroísmos.

Só importam a fé, a confiança luminosa, a ausência completa de egoísmo e individualismo, o empenho de todo o ser a serviço, por mais ingrato que seja, onde quer que seja, de qualquer maneira, de uma causa que transcenda o homem, que lhe exija tudo e nada lhe prometa.

Só importam a qualidade da alma, a vibração, a entrega total, a vontade de erguer acima de tudo um ideal, no mais absoluto desprendimento.

Chega a hora em que, para salvar o mundo, será preciso um punhado de heróis e santos que farão a Reconquista.

XXXII. Flotilha de almas

Um país se reergue rapidamente depois de reveses financeiros.

Reconstrói sem grande dificuldade uma nova estrutura política.

Para isso, bastam técnicos habilidosos e uma vontade capaz de coordenar os esforços.

As grandes revoluções não são políticas nem econômicas. Essas são pequenas revoluções, uma troca de máquina. Quando os especialistas encaixaram as peças, quando os motores encontraram seu ritmo e contramestres sérios os supervisionam, a revolução material está concluída.

Daí em diante, serão necessárias apenas algumas reparações de tempos em tempos, uma alteração aqui e ali. A máquina foi montada ou revisada. Ela funciona. O grosso da obra está feito.

A verdadeira revolução é muito mais complexa: ela não reajusta a máquina do Estado, mas a vida secreta de cada alma.

Aí, já não se trata de uma revisão e de uma supervisão quase automáticas. Trata-se dos vícios e das virtudes, de apelos profundos e de fraquezas, de pobres esperanças que nos são tão caras…

O que há no fundo desse olhar, por trás desses olhos que repousam longamente sobre nós, como se segredos viessem pousar sobre nossas pálpebras?

Um coração hermético, uma alma e suas crises secretas, seus impulsos, seus desmoronamentos, os apelos de um corpo e suas degradações indeléveis, as dores que tanto custa esconder ou adivinhar, a luta incerta e turva que é a felicidade: eis os grandes dramas do homem.

Mas é também aí que se apresenta a verdadeira revolução: levar luz a esses espíritos arrebatados pelas sombras; ajudar a reerguer essas almas prestes a sucumbir; reaprender a pensar em outra coisa que não seja um corpo ou corpos; dominar o que há de imperfeito; erguer-se em direção ao melhor, por maiores que sejam os esforços.

Só essa revolução pode encantar. E, no entanto, ela assusta. Todos avançamos em meio a enigmas.

Essa cabeça delicada inclinada e esses belos cabelos dourados, esse riso que irrompe bruscamente demais, esse braço que pende? Dez rostos, dez abismos.

Quem nos engana? Quem se engana? Quem procura enganar?

Só percebemos as sombras chinesas dos seres. Cada um tenta iludir a si mesmo, iludir os outros, por meio de simplificações e acrobacias mais ou menos hábeis.

E, no entanto, é em meio a esses subterfúgios que precisamos avançar, com mãos brancas como chamas em meio a tanta noite!

O que apreender?

O que fazer brotar desses seres que se recolhem em mistérios tanto mais pungentes quanto esse riso, esses olhos em flor, essa fronte límpida, essa terna carícia dos cabelos em movimento lançam luzes de festa sobre os arrependimentos, as angústias, os cansaços, as perversões!

Viemos de paisagens distantes. Só o fundo de nossos corações conhece nosso rosto, os falsos segredos de nossa alma, suas esperanças e suas faltas, nossas verdadeiras alegrias e nossas verdadeiras lágrimas.

Houve tantas alegrias e tantas lágrimas que os outros julgaram conhecer, compartilhar ou apaziguar… Nas horas de solidão, contemplamos nosso verdadeiro eu, esse lugar aonde ninguém, infelizmente, jamais chega. Ele nos diz quem ama e quem o possui, o que o oprime e o faz decair, o que o tenta e o que talvez pudesse elevá-lo, se o sopro da verdade viesse inflar suas velas invisíveis.

Ser essa corrente, esse grande vento morno e prolongado que sobe das profundezas dos horizontes espirituais e dá às almas esse primeiro impulso…

De repente, a vela sentiu esse enfunamento impalpável que se arredonda na luz. Sobre a água, o casco deslizou.

A curva branca das velas afastou suavemente o ar.

Pensamos nesses milhares de velas imóveis, à espera daquilo que lhes dará, primeiro quase imperceptivelmente, depois com uma força fremente, a vida e o movimento, a alegria de cortar o ar e a água, de avançar em direção à linha nítida que o céu traça ao longe…

Os barcos estão pesados. A água está negra de ter pesado sobre si mesma. Tudo é silêncio.

Ser esse sopro que virá lá do fim das praias inflar essas almas, empurrá-las para o largo, desajeitadas a princípio, sem jeito depois de tanta espera e estagnação, depois felizes e firmes à medida que se confirma a força que as sustenta e a vida que as reanima; ensinar a todos esses seres que a existência pode ser bela, pura e grandiosa, mesmo depois de todas as

fraquezas e de todos os desencantos; fazer brotar, desses corações secos, entorpecidos ou pervertidos, o jorro de uma renovação: eis a tarefa, a verdadeira, a dura, a necessária tarefa…

Terrível tarefa!

Gostaríamos de tomar nos braços esses seres paralisados, mergulhar nessas pupilas, afastar essas lianas de reticências, como se avançássemos com dedos trêmulos pela seda de uma cabeleira que se entrega…

Mas que comoção ao encontrar esses olhos que só capturam as luzes de fora para melhor neutralizar os outros, esses olhos que tão depressa nos revelam, desde sua primeira mentira ou sua primeira confissão, a inquietação que habita em nós mesmos!

Como olhar para um rosto sem ouvir as perguntas cruéis? Mentes? O que se passa sob o fogo e sob o manto da carne? E o que restará amanhã da aspiração que penosamente se erguia, agarrada à boia desse olhar?

No entanto, é aí que está o fundamento de toda redenção: devolver a vida às almas à deriva, acalmar as tempestades que lhes quebram os mastros e arrancam as velas, dar-lhes o sol e o sopro, tecer a paz sobre os mares humanos, devolver nitidez ao seu horizonte, libertando-o das sombras e dos perigos dos céus violentos e atormentados…

Respirar… Voltar a acreditar nas virtudes, na beleza, na bondade, num amor…

Sentir dançar ao redor de si, sobre as ondas, mil outras velas, infladas de vento, levadas pelo mesmo impulso em direção ao mesmo chamado…

Quando o mar dourado vir irromper essa brancura, a Revolução estará em marcha, erguida no alto dessas flotilhas de almas.

XXXIII. O cume

Teu caminho é árduo.

Falta-te o fôlego. Há momentos em que gostarias de jogar fora essa mochila que te pesa, deixar-te levar pela descida e voltar àquelas fazendas que soltam fumaça lá embaixo, fios azuis sobre o fundo verde e cinzento dos prados e dos telhados de ardósia.

Sentes saudade das águas adormecidas e dos juncos claros, do remo que chapinha, do caminho plano e sem esforço ao longo das margens. Gostarias de não pensar em mais nada, apagar da mente a lembrança dos homens e, deitado de costas na relva, contemplar o céu que passa, tornado mais leve pelo voo dos pássaros. Basta de cansaço! Não largarás tua mochila nem teu bastão! Não enxugarás os joelhos que sangram! Não darás ouvidos ao clamor dos ódios, não olharás para os olhos que sorriem das maldades que escondem! É para lá, para o alto, que deves voltar os olhos! Teu corpo deve viver apenas para essas curvas que serpenteiam, teu coração deve sonhar apenas com esses cumes que tu e os outros deveis alcançar.

Diz-me o que há no fundo de teu desalento. Acreditavas que encontrarias alegrias imediatas ao subir a encosta, levando contigo um rebanho humano. Sofreste muitas vezes. Às vezes, sentes náuseas. Precisavas disso. Tinhas de aprender que a ambição não recompensa, que cedo ou tarde ela esgota o coração de que se apodera. Agora sabes. Sabes que não se deve esperar de fora nenhuma alegria duradoura, aprendeste a duvidar do consolo dos homens; teu rosto está ruborizado, não pelas ternuras que te deram, mas pelos golpes com que te marcaram.

É verdade que não pensavas que seria assim. Imaginavas que, ao longo do caminho, mãos e olhares se estenderiam para acalmar tua febre.

Recapitulas.

E dizes: vou descer.

Não; é somente então que a vida se torna nobre, quando somos feridos por ela e já não contamos senão conosco mesmos para carregá-la.

Lembras-te dos primeiros dias? Querias uma ascensão muito bela; é verdade. Partias para libertar tua alma. Mas lembra-te de como o homem voltava à tona a cada instante!

Não acreditavas nesse prazer turvo da dominação e das honrarias? Protestas?

Sim, não o querias em sua forma mais crua. Rejeitavas isso com palavras bastante sinceras. Mas ele ainda assim orlava tuas ações, como a espuma orla a beira do mar. Pensavas sinceramente que vivias apenas por esse fio de luz, belo somente de longe, no limite das areias. Mas a tentação estava ali, em teu coração. Querias algo grandioso. Mas ainda trazias junto de ti o pensamento em ti mesmo. Mantinhas-te pronto para cumprir teu dever. Mas deixavas teu ser acrescentar, em surdina, que talvez o dever pudesse se unir ao teu nome e aos teus desejos, dourados de orgulho!

É porque agora já não acreditas nisso que teus olhos têm esses profundos reflexos sombrios. Olhas para o vazio.

Mas não, encara bem de frente, para desprezar aquilo que havia de menos puro no que amavas.

Aqueles que tantas vezes te revoltaram com sua maldade e sua injustiça te ajudaram mais do que tuas próprias forças.

Tu te revoltas? Dizes que entregas em vão tua carne e teu fôlego, teu coração e teu pensamento? Em vão? Porque já não os entregas a ti mesmo?...

Só agora é que vais começar verdadeiramente a te entregar.

Era preciso que essas maldades te esmagassem. Era preciso que, no momento em que quase desfaleças, ao fim de teu esforço, se erguessem os risos de escárnio e o desprezo te dilacerasse.

Era preciso que todos os teus gestos de amor fossem cobertos de ódio, que todos os teus impulsos fossem maculados, que cada pulsação de teu coração trouxesse um novo golpe a se abater sobre teu rosto…

Conheceste tantas vezes aqueles últimos metros extenuantes em que sorrias às portas da chegada, apesar do suor e da palidez: no instante

seguinte, rolavas entre as pedras, traído pelos teus, esmagado pelos outros. Era preciso recomeçar tudo.

E sempre o vazio sedutor do vale te chamava, os álamos trêmulos te atraíam como uma fileira de navios sobre o mar dos dias fáceis.

Sofreste com a dureza dos combates. Disseste a ti mesmo: seja qual for a vitória, o preço é alto demais, não quero mais.

Pensavas sempre em ti mesmo… Sim, para ti, pelo prazer humano de ter chegado ao alto, era um jogo em que só se podia perder. Mas, se a vida não te tivesse esbofeteado cem vezes, terias algum dia compreendido que existem outros prazeres além do orgulho, dos sorrisos e da glória?

Sentiste a hipocrisia de tantos rostos que te cercam! Percebeste todas as mentiras, todo o fel, todas as baixezas que te reservam, cada vez que retomas a subida.

Já não tens direito a nada.

Ouves o fervilhar dos horrores viperinos. Sabes que irão até o extremo da abjeção. É justamente quando tiveres dado tudo que te chamarão de ganancioso.

É justamente quando teu coração mais sofrer de abandono que lhe atribuirão as exigências mais vis. Tu te voltas, com lágrimas que brotam apesar de ti. Por quê? Ainda pensas, então, em ti mesmo?

Ainda sofres com a injustiça, quando se trata apenas de ti? Como é difícil despojar-se do homem que há em nós!

Deixa que se lancem sobre tua vida como chacais, deixa que escarneçam de teus sonhos, deixa que abram teu coração a todos os ventos!

Suporta ser lançado às feras da inveja, da calúnia, da baixeza! Suporta, sobretudo — e é isso o que mais fere — que, no instante em que já não aguentas, quando teus joelhos cedem, quando teus olhos tateiam o ar à procura de um olhar e teus braços procuram uma mão ardente, suporta, então, quando estás suspenso por uma palavra, por um olhar, que essa palavra caia sobre ti para te quebrar, que esse olhar te faça sofrer;

aceita que sejam justamente os que estavam mais perto de ti a te dar o golpe final, aqueles a quem tinhas entregado tudo, que amavas tão ingenuamente, sem reservas nem reticências…

Teus olhos têm um desvario mais comovente do que um grito! Mas não grites. Prepara-te para que amanhã se renove tudo o que sofreste ontem. Aceita de antemão. Nem sequer te voltes ao ouvir esse fervilhar às tuas costas. Abençoa os golpes recebidos. Ama os que ainda virão.

Eles te são mais úteis do que mil corações que te amam.

Compreendeste?

Talvez encontres amanhã — e às vezes já as encontras — essas ternuras que chegam até ti como uma lufada de ar puro ou como o perfume de um canteiro de flores do campo.

Agora já não tens fraqueza diante delas.

Só desfrutarás delas dignamente na medida em que, de tanto sofrer, tiveres aprendido a passar sem elas. Teriam sido elas a te perder, se não tivesses pago cem vezes o seu preço, sem sequer ter certeza de recebê-las.

Se um dia elas surgirem, desfruta-as como se contempla uma paisagem sublime de passagem. Mas não foi por elas que vieste: é o ar, é a luz dos cumes que te chamam!

Já respiras melhor. Pouco a pouco alcançarás a verdadeira alegria, essas grandes neves da consciência, brilhantes, sem a mancha de um único passo. Pensa apenas nelas, não vejas senão elas, procura alcançá-las, leve, puro, ensolarado como as imaginas.

É sobre tuas fraquezas e tuas faltas que teu olhar deve pesar; somente sobre elas; teu orgulho, teu nome, os apelos vaidosos do homem que eras ao partir, lança-os para além dos rochedos!

Ouviste-os se quebrarem, ricochetearem em alguns sobressaltos? Que tudo isso morra! Que a amargura e o abandono, em vez de te revoltarem, te mantenham no caminho! Esses cães que uivam são os guardiões do rebanho de teus pensamentos. Sem eles, tu pararias, te desviarias. Não percas um instante. Ainda está longe. E tens de chegar ao cume.

Quando alcançares essas imensidões puras, atrás de ti se fará um grande silêncio. Todos aqueles que uivavam em teu encalço, que te odiavam ou te oprimiam apesar dos sorrisos no rosto, todos aqueles que te seguiam pelo caminho para te ferir perceberão de repente que, nesse jogo, eles também alcançaram as neves, o ar novo e os horizontes recortados no céu.

Eles esquecerão de te odiar. Terão olhos maravilhados de criança. Descobrirão o essencial. Suas almas terão sido elevadas a cumes que jamais teriam aceitado alcançar se tuas costas, que recebiam seus golpes, não lhes tivessem ocultado a extensão do caminho.

Então, terás enfim tua vitória nas mãos! Depois de ter feito o último esforço, poderás cair de repente, de braços abertos em cruz, do alto da montanha e rolar entre as pedras rumo às profundezas distantes.

Terás terminado.

Terás vencido. Sucumbir ao último esforço já não terá importância alguma se os outros estiverem lá, à beira das imensidões virgens da redenção.

No fundo, és tão feliz.

Sabes que a única felicidade está lá.

Canta! Que tua voz ressoe pelos vales!

Arrependimentos e lágrimas? Quando foi justamente o que havia de mais medíocre em ti que sofreu e que acabas de rejeitar!

O mais difícil já foi feito. Aguenta firme. Cerra os dentes. Cala teu coração. Pensa apenas no cume! Sobe!